

# A vocação anticristã do Centro Dom Bosco



Pedro Henrique Barreto de Lima

A vocação anticristã do Centro Dom Bosco

Pedro Henrique Barreto  
de Lima

A vocação anticristã do  
Centro Dom Bosco

1ª edição

Belo Horizonte

Edição do autor

2021

D353 de Lima, Pedro Henrique Barreto,  
1987

A vocação anticristã do Centro Dom  
Bosco - 1. ed. - Belo Horizonte, Edição  
Independente, 2021.

157 p.; 27 cm.

ISBN : 978-65-00-24474-8

1. Prefácio

I. Título

CDD 200

CDU: 11

## Sumário

Prefácio.....	5
Capítulo I - Alguns detalhes sobre a forma mentis pós-conciliar no contexto da moral sexual.....	24
Capítulo II - Alguns detalhes sobre a forma mentis pós-conciliar no contexto da profissão dogmática .....	138

Capítulo III - Alguns  
detalhes sobre o  
contexto apocalíptico do  
período pós-  
conciliar ..... 301

## Prefácio

Eu tinha a expectativa de que eu não iria publicar mais livros, ou escrever mais ensaios, após a publicação do livro 'Crítica a "Conhecimento por presença: em torno da filosofia de Olavo de Carvalho"'; na esteira dessa expectativa eu havia até mesmo encerrado o meu blog,

Notas Sobre Doutrina Católica, porque cria muito improvável a inclinação para escrever novamente como opinador público; entretanto, eu vim a conhecer detalhes sobre a crise da Igreja que não havia atinado antes. Esses insights novos me pareceram tão significativos quanto a exigir a sua publicação, a fim de não me escusar

do comando divino para se pregar dos outeiros o que é escutado no ouvido (Mateus 10:27).

O presente estudo toma como ocasião ou exemplo o Sr. Higor Paiva, o qual é mais um aliado do Centro Dom Bosco do que propriamente um seu destacado integrante. Entretanto, ele próprio admitiu em certa



palestra pública do seu Instituto Santa Hildegarda de Bingen, que "de certo modo" ele está ligado ao Centro Dom Bosco e tem o mesmo ponto de vista. Outros opinadores ligados ao Centro Dom Bosco serão mencionados.

O contexto mais particular desse escrito foi a intenção de me

dirigir a um  
correligionário do Sr.  
Higor Paiva, o Sr. Aldo  
(alguém ligado ao  
Centro Dom Bosco),  
cuja mãe é amiga da  
minha mãe,  
circunstância essa que  
gerou a expectativa de  
certa proximidade entre  
eu e ele. Ora, porque,  
uma vez mostrado o  
presente escrito ao Sr.  
Higor, este e eu tivemos  
certa interessante e

desagradável altercação por WhatsApp; eu vim a descobrir que o Sr. Aldo (a quem encontrei uma única vez) provavelmente deu ao Sr. Higor algumas informações pessoais a meu respeito, sobretudo a minha condição econômico-social (por exemplo, o eu depender atualmente da assistência financeira dos meus pais, sendo

adulto). Eu não tenho qualquer objeção ou necessário mau juízo a que se discuta isso (ou qualquer informação pessoal de terceiros, quando tal é adequado); eu apenas menciono isso porque, aparentemente, no meio da altercação que mencionei, o Sr. Higor pareceu tomar essas informações (não muito detalhadas ou sempre exatas), de

maneira abertamente mordaz; e não apenas isso: ele pareceu tomar essas informações (de modo mais ou menos inequívoco) como sugestão principal contrária ao presente escrito, como se a pretendida invalidade do escrito dependesse fortemente dessa circunstância externa e acidental, e o escrito só pudesse ser entendido

satisfatoriamente à luz da minha pessoa. De modo geral a impressão que tive, desde a reação do Sr. Higor (desde a probabilidade aparente, também sendo a do Sr. Aldo), é a de que o conteúdo do escrito é uma extravagância absurda, que não merece ser discutida seriamente.

Ora, a mordacidade é frequentemente uma

cortina de fumaça, e de todo modo (isto é, independente de alguma circunstância pessoal) guarda necessariamente alguma capciosidade. Que seja uma cortina de fumaça no presente caso, como será mostrado de modo cabal (e um tanto chocante), tem que ver com o presente escrito ter de ser classificado como nada menos que um ato

de exorcismo público  
(nisto não sendo ele um  
ensaio religioso  
ordinário); sendo-me  
muito difícil achar  
razões para não entender  
a coisa assim.

Por causa dessa  
aparência de vantagem  
aparente (o meu me ver  
confrontado,  
indecentemente, com a  
vulnerabilidade alheia),  
considero mais do que



confortável me  
posicionar como uma  
pessoa desprovida de  
prestígio ou comparativa  
respeitabilidade, seja  
social, econômica, ou  
em um sentido mais  
geral. Possa a Igreja  
Pós-Concílio Vaticano  
II, suas autoridades e  
apoiadores todos se  
corroborarem  
mutuamente em  
oposição a mim, para

amenizar o efeito da sua humilhação.

Um outro ponto que desejo me apressar a esclarecer, é que eu notei certos reparos que o Sr. Higor alegou contra parte da minha exposição (os quais são perfeitamente acidentais a quanto afirmei, e não me contradizem de modo nenhum), e vou inseri-los na exposição

de bom grado e com gratidão.

P.S.: Após ele ter recebido o teor completo do presente prefácio, o Sr. Higor me escreveu algo extraordinário: “O querido Aldo nada fez além de me enviar o arquivo [com o texto de ‘A vocação anticristã do Centro Dom Bosco’]. Nada me disse sobre a sua situação parasitária.

(...) Eu não preciso de fofoca para reconhecer um parasita quando vejo um.”

Como eu havia previamente escrito, eu não tenho qualquer objeção ou mau juízo em relação a quem discute algo sobre terceiro, sem qualificação, nem assinalei alguma pretensão de conhecer o

teor preciso e o estilo de como se falou a meu respeito. Eu nem sequer falei de alguma certeza a respeito dessa comunicação ter havido, me limitando a chamá-la “provável”. Neste sentido vago de “falar sobre terceiros” (que é inclusive uma conotação dicionarizada) a ideia de “fofoca” não me parece pejorativa, nem eu usei a palavra. Nem tampouco

eu disse ou inferi que essa comunicação foi feita após eu enviar o arquivo, ou em qualquer data específica.

O extraordinário e digno de nota a respeito dessa comunicação é que o Sr. Higor Paiva basicamente está dizendo que disparou contra mim uma linguagem mordaz, veemente e taxativa;

baseado em uma conclusão sobre a minha condição econômico-social que ele não inferiu de outro relato que não de um “sexto sentido”, algum tipo de clarividência ou perspicácia. Ademais, ele atribui à interpretação minha, de que ele recebeu algum tipo de informação externa, o ser “uma das minhas interpretações

esquizofrênicas”]; como se a minha interpretação fosse muito claramente menos natural do que o inferir a sua clarividência.



# Capítulo I - Alguns detalhes sobre a forma mentis pós-conciliar no contexto da moral sexual

Eu tive a experiência de entrar em contato com pessoas do meio social do Centro Dom Bosco; eu intencionei distribuir livros meus apoiando a tese sedevacantista e o nome dos irmãos Dimond, os beneditinos

de Rochester, e por causa disso tive a oportunidade de examinar coisas a respeito dos chavões pós-conciliares que circulam nesses meios. A dificuldade das pessoas de conceber a enormidade da degeneração pós-conciliar, isto é, dos vícios do período pós-Concílio Vaticano II, foi aberta para mim sob

uma nova luz que eu não esperava.

Em certa palestra de um indivíduo aliado do CDB [Centro Dom Bosco] (Higor Paiva), ele mencionou um número de conselhos disciplinares tradicionais, se não me engano da literatura de Santo Tomás, às pessoas inclinadas à vida intelectual. Entre os

conselhos está o de se não travar contato ou relacionamento com mulheres, por causa do risco ou da indecência marginal disso. Eu observei, a esse dizer (com a intenção de indicar a esse respeito que se trata de uma disciplina eclesiástica mutável, não lei divina), que certo cardeal (cujo nome me escapou então e agora) de séculos atrás

travou um notório  
relacionamento  
platônico com uma  
mulher não casada, sem  
(como eu quis sugerir)  
que isso tenha dado  
ocasião a escândalo ou  
infâmia. A reação do  
palestrante, a princípio,  
foi não conseguir  
absorver a observação  
de imediato, e insistir no  
ser expediente se desviar  
da indecência a que se  
expõe a pessoa que trava

um relacionamento próximo com mulheres, sem que o par tenha a condição casada. Instantes depois me ocorreu um exemplo mais forçoso de se considerar, o de certa passagem da biografia escrita por Chesterton sobre São Francisco de Assis, em que é referida a anedota segundo a qual as pessoas do povoado onde morava

São Francisco foram perturbadas pelo sinal de um incêndio, mas ao se aproximarem do foco de incêndio foram surpreendidas por o incêndio consistir em uma espécie de manifestação miraculosa externa do amor casto entre São Francisco de Assis e Santa Clara de Assis.

A essa declaração o palestrante recuou, um pouco surpreendido, à ideia de que porque esse par era santo, a condição existencial deles excedia em muito o que se pode esperar de uma condição ordinária. Em adição a isso, ele sugeriu, como oposto a indicar enfaticamente, que ele próprio não poderia se desviar da disciplina proposta por não ser



uma pessoa santa. "Eu não sei quanto a vocês, mas eu não sou santo", disse ele com um sorriso<sup>1</sup>.

Aí está um mistério e uma dificuldade a respeito do meio social pós-conciliar, que é o fato de que ele ordinariamente se baseia na cumplicidade e na uniformidade do próprio

---

<sup>1</sup> Essa expressão foi repetida umas duas vezes, e com distinção, poucos instantes depois.

estar aquém moral. Não é normal na Igreja pós-conciliar o adquirir virtude e conhecimento de modo suficiente e feliz, como nas palavras de 1 João 2:20: "Mas tendes a unção dO Que é Santo, e sabeis todas as coisas." 2

Tessalonicenses 2:13:  
"Mas temos de dar graças a Deus sempre por vós, irmãos, amados de Deus, porque Deus

escolheu-vos como primícias à salvação, em santificação do espírito, e fé da verdade: ao que também ele chamou-vos por nosso evangelho, à aquisição da glória de nosso Senhor Jesus Cristo." É algo estranho à conduta pós-conciliar ordinária o pretender ser santo e suficientemente instruído.

A princípio parece ser um exagero comparar a condição dos fiéis que se correspondiam com os apóstolos à condição de um religioso contemporâneo; por exemplo, à luz da observação do hagiógrafo Alban Butler, de que na Igreja dos primeiros séculos era regra aos papas serem canonizados, o que depois foi se

tornando  
consideravelmente mais  
raro.

Ora, a circunstância  
histórica presente,  
entretanto, não é a de  
um simples  
abrandamento relativo  
de um vigor religioso  
primitivo, mas uma  
verdadeira inversão  
carnavalesca.

Segundo o próprio "Padre" Paulo Ricardo de Azevedo, ele um dos menos equívocos nomes do que se toma pelo conservadorismo católico brasileiro; e tomando o que ele afirmou em uma gravação pública de anos atrás; um seu correligionário (um outro clérigo pós-conciliar) alegara veementemente a ele que

nenhum "padre" pós-conciliar que este correligionário conhecia guardava a castidade, com exceção dos metalmente anormais (ou palavras assim). A resposta ante esse dizer, resposta do "Padre" Paulo Ricardo, não foi o objetar, mas simplesmente o se entristecer, especialmente, segundo o "Padre" Paulo Ricardo

mencionou, por o contexto ser o período natalino que tendia a deixá-lo mais sentimental. Note-se que essa admissão tácita sugere como verossímil que ele era um dos clérigos pós-conciliares aquém da castidade.

A perversão sexual avassaladora da Igreja Pós-Concílio Vaticano II não é propriamente



um fato em disputa, isto é, não é o caso de que uns dizem que é algo real, outros não com significativa e persistente evidência. A bibliografia a respeito mais conhecida, por exemplo de autores como Michael Rose e Randy Engel, assinalou certas banalidades; como (desde o encorajamento de diretores de seminários)

um seminário chamado Saint Mary's, em Baltimore, ter sido apelidado de “Palácio Rosa”, ou uma instituição eclesialística de ensino em Washington, D. C., ter recebido o nome de “Armário Teológico”; ou, ademais, a reputação de homossexual alardeada contra o "Papa" Paulo VI na imprensa, e durante o

seu governo de tempos em tempos vindo à superfície; a respeito da qual reputação Paulo VI foi chantageado, segundo alegou nos anos noventa um ex-correspondente do jornal oficioso do Vaticano (L'Osservatore Romano) chamado Franco Bellegrandi; essa chantagem tendo sido aparentemente confirmada por um

oficial de polícia  
chamado Giorgio Manes  
(cujos documentos  
privados sobre a  
chantagem foram  
consultados em matéria  
da revista L'Espresso).

É significativo que um  
não católico como o  
comentarista judeu  
americano Ben Shapiro,  
tenha afirmado sentir  
espanto ante o silêncio  
midiático (de modo

geral) em torno do afastamento do "Cardeal" Theodore McCarrick, maior dignatário da Igreja pós-conciliar nos EUA até 2018, por causa de denúncias de abuso sexual que vieram à tona a julho de 2018 (mais adiante eu hei de discutir em detalhe esse silêncio midiático ou secular e o seu significado). No

contexto dessas denúncias, que de algum modo se associaram a informações a respeito de McCarrick abusar sexual e predatoriamente de seminaristas jovens; o então núncio do Vaticano pós-conciliar (Carlo Maria Vîgano); como é notório; alegou publicamente, sem desmentido, que o "Papa" Francisco estava

suficientemente a par de informações a respeito das atividades subterrâneas de McCarrick, desde anos antes (desde 2013, ano do conclave que elegeu Francisco); e que Francisco se havia referido naquele ano (ao falar com Vîgano), de algum modo, a um partido ou grupo homossexual americano ligado a McCarrick, sem

um tom de alarme ou reprovação; mas como quem desejasse consultar a reação do interlocutor a respeito. O partidarismo em favor do homossexualismo, nos EUA, não está apenas em que um "cardeal" como Timothy Michael Dolan promova com entusiasmo e aceitação manifestações de rua do movimento LGBT etc., ou que o



"Bispo" Thomas Gumbleton argumente em favor da ordenação de padres abertamente gays; mas também em que um "bispo" de Wisconsin, Robert Morlino, tenha se referido explicitamente a uma subcultura gay de efeitos devastadores, a qual subcultura, como Michael Rose documenta, está bem arraigada no que passa

atualmente pelas ordens jesuíta e franciscana, entre outras.

É certo que a congregação leigo-clerical "Legionários de Cristo" (de "direito pontifício"), cujo fundador foi o notório predador sexual de crianças, Marcial Maciel; nunca possuiu o status da Opus Dei ante o Vaticano, nem a Opus

Dei se associou a escândalo de abuso na mesma medida; conforme observou William H. Kennedy em uma entrevista de rádio; mas há alegações de abuso sexual e acobertamento de clérigos, ou membros, da Opus Dei em ao menos cinco países.

De acordo com um jornalista e palestrante

americano pós-conciliar,  
e relativamente  
conservador, Michael  
Voris (dito a 2018),  
cerca de pelo menos  
quatro bilhões de  
dólares foram pagos  
pela Igreja Pós-  
Conciliar em acordo  
indenizatório a vítimas  
de abuso sexual  
perpetrado por clérigos  
pós-conciliares.

O ponto a respeito  
dessas observações não  
é apenas que existe uma  
espécie de lobby pós-  
conciliar em favor do  
desvio sexual,  
disseminado e  
vulgarizado ao ponto de  
o testemunho da sua  
pervasividade ser mais  
dificultado pela  
impressão de algo  
incrível e atordoante do  
que por ser essa  
pervasividade

propriamente  
inacessível. O ponto é  
também que esse lobby  
de algum modo se  
estende, nos seus  
efeitos, ao sequestrar e  
escandalizar a mente das  
pessoas todas imersas na  
atmosfera pós-conciliar,  
sem excetuar aquelas  
que possuem a pretensão  
de apego a um  
conservadorismo  
legítimo no meio de  
variados falsos

caminhos. Assim, o "Padre" Paulo Ricardo alegou, em certo vídeo, a respeito de um casal homossexual que comparecia a missas pós-conciliares sem tomar a "comunhão", que a condição moral carregada de conflito interno, deles, tinha uma espécie de virtude extraordinária no apelar à misericórdia divina (ou palavras assim).

Também, o próprio Michael Voris, que foi a público em 2016 confessar um passado homossexual extensivo, de décadas, e até então pouco conhecido, havia antes da confissão pública proposto em certo vídeo religioso (Cf. vídeo de 2010, "Catholic and homosexual") a ideia de que o homossexual que não consegue se



emendar no contexto de ainda pretender ser religioso, é "um tesouro incomparável" aos olhos de Deus e "mais intensamente amado por Deus do que a maioria dos outros". Isso é semelhante a como, em certa gravação ou aula tornada pública, o filósofo Olavo de Carvalho (uma grande influencia sobre o Centro Dom Bosco) se

referiu a um escritor homossexual (um inveterado pedófilo) chamado André Gide, como a alguém cujo testemunho impotente do próprio pecado é apto a provocar a admiração (em um sentido moral e não inequivocamente pejorativo) de católicos pretensamente piedosos ou carolas. O sentimento de pena e lamento pelo pecador é

estranhamente, segundo a exigência de uma premissa oculta, confundido com o sentimento da admissão da dignidade e glória, quase da inequívoca santidade, do pecador. Embora a ideia de que o sofrimento por si equivale na prática à santidade não pareça um lugar-comum explícito da Igreja Pós-Conciliar; essa premissa (que se

acha de modo suficiente no Concílio Vaticano II, conforme será discutido em detalhe adiante); da qual decorre, por exemplo, que as pessoas que vivem em miséria seriam desde esse fato mesmo suficientes imitadoras de Cristo (seriam "outros cristos"); por se achar (a premissa) em clérigos pós-conciliares de grande fama e

popularidade como o Bispo Fulton Sheen (neste último caso qual notou com horror o padre lefebvrista François Laisney), pode ser tomada como uma ideia que carrega grande afinidade com a atmosfera de sugestões da Igreja Pós-Conciliar. É significativo ainda, a respeito, que o Vaticano pós-conciliar tenha assinado com os

luteranos uma  
Declaração Conjunta a  
1999, sob os auspícios  
do "Papa" João Paulo II;  
aprovando a tese  
teológica de Martinho  
Lutero, chamada  
"Simul justus et  
peccator", que propõe  
que o cristão em estado  
de salvação (justificado)  
é a um tempo justo e  
pecador.

O encorajamento pós-conciliar do desvio sexual tem uma fonte ou causa mais formal, verificável em diversos sinais. O próprio Direito Canônico pós-conciliar prevê que quem comete certas imoralidades sexuais (como a masturbação) pode tomar a comunhão ou eucaristia sem a concomitância do arrependimento, a firme

intenção de se emendar e o sacramento da penitência; o que não apenas é uma novidade canônica, mas basicamente uma heresia. Também, a Constituição Dogmática Lumen Gentium (na tradução para o português constante do site do Vaticano), do Concílio Vaticano II (21 de novembro de 1964), diz no n° 46, sutilmente,



que o voto de castidade (junto com os votos religiosos de pobreza e obediência) “pode” (sendo tal, insinua-se, contingente antes que necessário) “levar o cristão a conformar-se mais plenamente com o género de vida virginal e pobre que Cristo Nosso Senhor escolheu para Si e a Virgem Sua mãe abraçou.”, o que torna equívoca ou dúbia a

ideia de que o se abster de alguma conduta sexual outrora ilícita é sequer essencial, e não accidental, a uma vida virginal e pobre na esteira da vida de Cristo.

O propósito dessas observações é extrair o seguinte juízo: não é o caso de que a Igreja Pós-Conciliar encoraja o desvio sexual, apenas; e

sim que ela bombardeia as pessoas com a proibição, não menos insistente do que tácita, do adotar uma conduta sexual casta e vigorosamente virtuosa. Seria mais exato falar não apenas em uma proibição da virtude, mas em um prático e subconsciente tomar a virtude como uma perversão e uma inversão da ordem

natural das coisas;  
especialmente se o  
contexto usual é o de se  
estar em comunhão  
com, e sob a autoridade  
de, notórios promotores  
do desvio sexual, além  
de se estar em  
comunhão com, e sob a  
autoridade de, pessoas  
que no melhor dos casos  
se abstêm  
advertidamente de  
recusar comunhão com  
esses notórios

promotores de desvio sexual. O tomar a castidade como um desvio da ordem natural, e como accidental, é sugerido, por exemplo, pela repetida e informal tese do "Papa" Francisco de que Deus fez os homossexuais como são; tese que insinua a ideia ou possibilidade de que se os homossexuais se decidissem a se desviar da própria conduta, por

exemplo se decidindo por substituí-la pela castidade, eles poderiam viver em franca contravenção do ditame divino.

É impossível que essa circunstância não seja precisamente o sugerido pelo dizer sorridente do Sr. Higor Paiva, "Eu não sei quanto a vocês, mas eu não sou santo", isto é, é impossível que ele não

se refira de modo mais ou menos advertido a um sentimento inoculado desde certo universal boicote à castidade, desde um boicote à noção da superioridade da castidade (e do ser premente a obtenção da sua firme posse); principalmente se ele toma como modelo de pregador (e alguém a ser citado a respeito da

piedade cristã), como de fato o faz, precisamente autoridades pós-conciliares como o "Padre" Paulo Ricardo de Azevedo.

Ademais, o contexto pós-conciliar apresenta às pessoas a seguinte dificuldade: segundo o escritor Robert Greene, quando ele propõe a "lei do poder" que diz "Pensa como queres,



mas porta-te como os outros"; ao se desviar alguém da linguagem ordinária e dos lugares-comuns de um contexto social, esse alguém necessariamente sugere a inferioridade alheia e a superioridade própria, autoindulgência potencial essa que, se não for compensada por uma atenção intensa às susceptibilidades em torno etc. (e mesmo,

provavelmente, em tal caso), vai vir de encontro com ressentimento e punição. Quanto mais é alguém virtuoso, em um contexto tirânico, mais esse alguém vai ferir susceptibilidades. O sorridente dizer "Eu não sei quanto a vocês, mas eu não sou santo" é obviamente a expressão (e mesmo, em certo sentido, defesa mais ou

menos advertida) de um lugar-comum, e por isso mesmo é a expressão de um estado de coisas que as pessoas temem contrariar abertamente para não ser punidas.

Que não haja dúvidas de que a transgressão do lugar-comum degenerado pós-conciliar (em particular a respeito da conduta sexual) pode efetuar

punição, é indicado pelo caso de um padre pós-conciliar que atuava no condado de Dane, Wisconsin, chamado Alfred Kunz, o qual foi achado no ano de 1998 morto com a garganta cortada no contexto de uma investigação que (se alega) vinha ele promovendo a respeito de relatos de homossexualidade e abuso sexual por

clérigos na Diocese de Springfield, Illinois. O fato de que a polícia não foi capaz de investigar esse assassinato com sucesso, ou apresentar qualquer pista significativa, dá ocasião à observação de que de muitos modos a submissão e docilidade ante o temor de punição não diz respeito inteiramente ao temor de uma punição sobretudo

física. O assassinato de Kunz envolveu mutilação e sacrifício de um bezerro (nas proximidades), isto é, muito provavelmente teve o envolvimento de satanistas, e a maioria das pessoas, incluso o xerife de Dane (e mesmo tomando como segura a sua boa vontade), não tem suficiente instrução para lidar com o testemunho

de certas realidades cuja feiura ultrapassa a capacidade imaginativa das pessoas comuns, ou daquilo que se pode chamar "vida ordinária". Isso por si só é suficiente como sugestão do tipo de causa que pode estar por trás do silêncio midiático em torno dos escândalos de abuso (silêncio que desorientou Ben

Shapiro), a saber, certo instinto de autopreservação que não é tanto físico quanto de um tipo mais sutil.

Também, a atmosfera de ameaça punitiva pode ser indicada desde o caso do Padre Feeney, um padre da cidade de Boston (Massachusetts) que a cerca dos anos cinquenta convictamente professou o dogma da



necessidade de ser um fiel católico para a salvação, em desafio àqueles teólogos que, nas palavras do historiador eclesiástico pós-conciliar James O'Toole (The Faithful: A History of Catholics in America, 2008) "havam se distanciado" dessa noção antiga por eles considerada ultrapassada. O Padre Feeney teve um sucesso

considerável em converter, tanto quanto em criar inimigos; por professar a necessidade da Igreja. Ele criou um movimento contrário a um hegemônico indiferentismo religioso. Pode parecer a princípio que esse dogma nada tem a ver com moralidade sexual; a verdade, entretanto, é que esse dogma mantém o fiel constantemente

ciente da gravidade de sua conduta moral, do que lhe é exigido. Assim, o Cardeal Ottaviani, um dos mais destacados promotores da censura por "desobediência" que puniu o Padre Feeney (assim dando a impressão de que Feeney era um herege e não um católico), foi precisamente o indivíduo, depois desses

eventos, direta e crucialmente responsável por mudar a política vaticana no lidar com clérigos predadores sexuais, possibilitando a situação de abuso que chocaria o mundo, e cujo epicentro foi precisamente a cidade de Boston (Cf. o livro a esse respeito de Wiliam H. Keneddy, *Lucifer's Lodge*, 2004, o qual documenta o fato de que

o procurador de uma das vítimas de abuso especificamente notou como preocupante a mudança de disciplina promovida por Ottaviani).

"Membros do clero e outros da Arquidiocese de Boston provavelmente abusaram sexualmente de mais de 1000 [mil] pessoas no período de

seis décadas, disse o procurador público de Massachusetts na quarta, chamando o escândalo de tão massivo quanto a 'beirar o inacreditável' (...) O acentuado número de alegações de abuso documentado por investigadores em Boston parece sem precedente, mesmo no contexto de um escândalo que toca a dioceses em quase todo

estado; e levou cerca de mil pessoas a vir adiante com novas alegações em escala nacional no ano passado."

(CBSNEWS.com, 23 de julho de 2003, do inglês)

Pode parecer excessivamente fantasiosa a ideia de que Boston, a cidade da pregação de Feeney, tenha sido precisamente o

epicentro da atuação de predadores sexuais por causa de uma intenção punitiva, ou vingativa. A verdade, no entanto, é que há um número de aspectos que guardam certa relevância em tais considerações. Primeiro, é documentado (por exemplo, por William H. Kennedy, o qual se baseou largamente em depoimentos extraídos de agências de notícia



mainstream) que uma parcela das vítimas de Boston alegaram como contexto do crime ritos satânicos. Segundo, de acordo com Malachi Martin (um "Vatican insider" e escritor que pode ser considerado, sem inexatidão, prestigioso, por sinal também um contato do falecido Padre Alfred Kunz), certos altos dignatários entre os

clérigos, nos anos sessenta, entre eles cardeais, fizeram um rito satânico secreto em Roma, de grandes proporções, precisamente no dia da Festa de São Pedro e São Paulo, que é considerada o dia mais sagrado do calendário litúrgico. O sentido da escolha da data foi profanar precisamente o mais sagrado.

Consequentemente, que se tenha tomado como alvo Boston, objeto destacado de uma pregação ortodoxa ou sagrada, é perfeitamente contínuo com a mentalidade verossímil por trás desse efeito (o tornar Boston o epicentro de um fenômeno que chocou oficiais públicos). Por fim, se pode também considerar que,

conforme disse em uma entrevista a filha de Anton Lavey (este o fundador de uma organização alegadamente ateística, e suspeita de alegar insinceramente esse caráter, chamada "Igreja de Satanás"), Zeena Lavey, um dos principais aspectos rituais da organização de Lavey tinha a ver precisamente com o

excitar sentimentos de raiva contra desafetos ou pessoas com quem se tem conflitos, sem que essas pessoas estejam presentes. Isso sugere certa preocupação destacada com o tema da vingança e da punição, no meio de satanistas.

A reação usual pós-conciliar do tomar a castidade, em um

sentido subconsciente,  
seja como uma  
superstição impossível,  
seja como algo suspeito  
de ter como propriedade  
certa anormalidade ou  
transgressão da  
natureza; se toma mais  
naturalmente, desde tais  
considerações, como  
uma espécie de reação  
residual, um reflexo  
condicionado,  
relacionado a temores  
sob certo ponto de vista

perfeitamente  
justificados na  
origem. Nos  
experimentos de Pavlov  
com cães, que deram  
origem de algum modo  
à noção usual de  
lavagem cerebral e  
reflexo condicionado;  
Pavlov estimulava os  
cães de modo  
incoerente, deprimindo  
o senso de estabilidade  
deles, por exemplo,  
disponibilizando um

bife associado a uma luz vermelha, depois sem a luz, depois a luz sem o bife. O resultado foi uma reação dos cães contrária à reação coerente, por exemplo, os cães reagiram com agressividade em relação ao adestrador por quem tinham docilidade etc.

É precisamente esse tipo de incoerência o típico



da mentalidade pós-conciliar a respeito, entre outros, de moral sexual. É significativo, a esse respeito, que em entrevista à Leda Nagle o filósofo Olavo de Carvalho tenha se referido aos casos de abusos sexuais de crianças por autoridades religiosas (casos tornados banais); entre as ditas autoridades clérigos pós-conciliares;

com uma gargalhada forte o bastante para contagiar a entrevistadora. Está aí uma inversão grotesco-ficcional da ordem natural das emoções, o que é perturbador e trágico sendo tratado como ambigualmente tranquilizador e cômico.

E se se quiser um exemplo talvez mais

forçoso, em janeiro de 2015 um clérigo pós-conciliar de Dublin, Irlanda, o "Padre" Martin Dolan, se dirigiu à sua congregação durante uma "missa" afirmando ser ele gay, e chamando a congregação a apoiar o "casamento gay". Ele foi aplaudido de pé.

O filme "Quando um Homem Ama Uma

Mulher" (1994), escrito por Ron Bass e Al Franken, e estrelando Meg Ryan e Andy Garcia; discutiu o tema do alcoolismo e do auto-abuso. O filme parece propor que a pessoa vitimizada pelo abuso, por exemplo pelo seu pertencimento a uma atmosfera tirânica como a atmosfera pós-conciliar, se sente constantemente

envergonhada,  
humilhada e  
aterrorizada. Ademais,  
que mesmo quando essa  
situação é superada,  
parcial ou totalmente,  
ela faz que o contato  
íntimo com pessoas  
"normais" (isto é,  
basicamente fora da sua  
experiência específica)  
se torne altamente  
difícil; porque a vítima  
de abuso se sente  
insignificante e sem

valor. Quando isso ocorre surge uma silenciosa e quase irresistível pressão de não admitir explicitamente toda a extensão e a gravidade do abuso perpetrado, porque a admissão explícita tiraria a validação ou aprovação dos outros, por cujo consolo (mesmo nas mais parcas doses) a vítima de abuso anseia

tão profundamente. Isso é tornado ainda mais grave quando uma multidão de vítimas de abuso fingem umas às outras, subconscientemente, que a própria miséria é tão real quanto tornada explícita, no meio do silêncio. Essa situação é muito parecida com o que os economistas chamam uma "bolha econômica", uma

situação de prosperidade artificial ou falsa e insustentável, apta a explodir em temível depressão e desemprego, cuja correção se torna cada vez mais difícil e dolorosa quanto mais ela tenha se arrastado sem freio. Curiosamente, a obrigatoriedade de "comprar e vender" com a marca da besta apocalíptica, mencionada nas



escrituras sagradas,  
parece ser um fenômeno  
econômico a guardar  
grande afinidade com a  
noção de "bolha  
econômica".

Não parece ser razoável  
ter pleno desdém pela  
alegação de um "bispo"  
como Robert Barron, de  
que realidades como o  
abuso perpetrado por  
Theodore McCarrick  
etc., não espelham a

conduta da maioria dos clérigos pós-conciliares (embora seja alegado, por exemplo, que o homossexualismo é bem maior entre clérigos pós-conciliares do que na sociedade em geral etc.). Também, se é verdade que pelo menos dois terços dos "cardeais" pós-conciliares (na estimativa do jornal Dallas Morning News) promoveram a política

dos sessenta de proteção e acobertamento dos clérigos predadores (ao ponto de, em um número de casos, trocá-los de país para que escapassem de ações penais públicas), política firmada por Ottaviani e renovada oficialmente por Bento XVI (uma política, aliás, que até se chegou a sugerir publicamente como compreensível antes que

justificável por motivos de disciplina psiquiátrica), de outro lado não é manifesto que em absolutamente todos os casos a obediência foi levada a cabo com perfeito entusiasmo e sem qualquer apreensão. Mesmo admitindo tudo isso, ainda é manifesto que a Igreja Pós-conciliar é um ambiente tirânico e que

compromete o senso de realidade das pessoas, embriagando-as com a própria fornicação espiritual.

Antes de encerrar o presente capítulo, cabe uma observação a respeito do fato de que eu tracei todas essas considerações em torno de um único, e pontual, gesto ou dizer de Higor Paiva; e se poderia

argumentar que ainda que um único gesto isolado seja suficiente para concluir algo sobre o caráter de alguém, o sentido de um gesto isolado, pela própria superficialidade do ser ligeiro e não particularmente atento, e ademais não supor familiaridade extensiva com o interlocutor; corre o risco de dar ocasião a um juízo precipitado. A

resposta a isso é,  
primeiramente, que  
quanto eu hei de discutir  
adiante sobre o Sr.  
Higor Paiva vai mais do  
que compensar em  
riqueza de detalhes o  
sentido do que eu já  
disse. Em segundo  
lugar, é uma tese tomista  
a de que a mente  
humana apreende aquilo  
que é simples (em um  
sentido mais  
independente de tempo e

lugar) através do que é complexo ou composto na ordem da apreensão mental. Ao rodear tanto o assunto, portanto, eu apenas apliquei ou illustrei de algum modo essa tese, e, quero crer, a reforcei como legítima.

P.S.: O Sr. Higor Paiva alegou, entre outros, que ele não pratica ou encoraja piadas de cunho sexual ou



conotação sexual, como faz certo opinador público pós-conciliar (nem tampouco uma linguagem profana equivalente se associa à sua educação doméstica e hábito); que ele praticou certo ativismo contra as políticas LGBT pós-conciliares; que ele dirigiu a alunos a instrução da superioridade da castidade; e, também

alegou ele que ele se esforça e reza pela graça de se firmar em virtudes cristãs (ou palavras semelhantes).

Eu não tenho qualquer razão particular para descrer disso, seja no todo ou em parte, nem estou inclinado a sugerir alguma dúvida a respeito. Entretanto, o fato de que tais alegações são

verdadeiras tem necessariamente a consequência de corroborar o que eu estou dizendo; porque é uma propriedade da situação tirânica pós-conciliar o imprimir nas pessoas reflexos condicionados que atuam de modo hipnótico (subconsciente), e por isso mesmo passam a largo da consciência e

do exame racional,  
forçando as pessoas a  
uma admissão mais ou  
menos advertida (a  
admissão de um  
sonâmbulo) a um estado  
de coisas  
incontornavelmente  
extraordinário.

Assim, se há uma  
atmosfera  
comprovadamente  
massiva e opressiva de  
boicote à castidade e à

retidão sexual (como o Sr. Higor Paiva é capaz passivamente de admitir); é pedir muito que se conclua como verossímil ou mesmo muito inteligível que o sorrir o semblante (no contexto da sugestão do não se obter a castidade) não tenha qualquer relação com as influências dessa atmosfera.

Esse gesto é suficiente como exemplificação dessas influências, mas desde que tal gesto foi registrado no presente escrito o Sr. Higor Paiva forneceu um exemplo mais, que pode ser assinalado. O Sr. Higor alegou ter promovido (ou se engajado em) certos atos no sentido de protestar contra uma “missa sacrílega” com motifs LGBT

promovida por certo  
“Bispo Sérgio”. Ora, o  
Sr. Higor Paiva, a  
despeito disso, parece  
confundir o status  
“nominal” desse Sérgio  
como autoridade  
eclesiástica com um  
status efetivo. Ele  
pareceu-me sugerir não  
apenas a ideia de que se  
um homem é  
consagrado bispo ele  
não pode perder a  
posição de autoridade

(pelo menos não sem algum tipo de formalidade ou censura ordinária); mas que é uma “heresia sedevacantista” promover a rejeição da autoridade, isto é, concluir por uma deposição ou não autoridade “de facto”.

Assim, o Sr. Higor Paiva acredita, na prática (senão



literalmente), que um indivíduo pode rejeitar com má fé e notoriedade a revelação cristã, e ainda ser um membro da Igreja, um dos “fiéis”. Ele não apenas acredita nisso, mas ele atribui (de modo mais ou menos advertido) à tese oposta um caráter herético. É difícil imaginar um reflexo condicionado mais comprometedor do que esse. Isso demonstra

uma ignorância de teologia e direito canônico brutal. O Concílio de Florença (séc. XV), por exemplo, definiu infalivelmente que todos pensando coisas opostas e contrárias à visão católica são condenados, rejeitados e anatematizados pela Igreja, e estão alheios a ela (Cf. a bula *Cantate Domino*, Papa Eugênio

IV, 1441 A.D). De acordo com a encíclica *Satis Cognitum* (1896, Papa Leão XIII), que alguém perca toda autoridade na Igreja por causa do se desviar em qualquer ponto do ensinado pelo magistério (ou ensino revelado) é não apenas a posição católica, mas a posição unânime dos padres do primeiro milênio; algo tão notório

que o Codex Iuris Canonici (1917 A.D.) não apenas prevê a deposição automática de clérigos publicamente hereges no Cânon 188.4, e a excomunhão automática (ipso facto) de todo herege no Cânon 2.314; como especificamente fala da “sede vacante” como independente de uma censura pública por autoridade, e sim

podendo se dar por mera  
“renúncia tácita”  
entendida como  
equivalente a falsa  
profissão de fé.

Pensar que alguém; que  
professa algo contrário à  
revelação cristã com má  
fé e notoriamente; é um  
membro da Igreja; é o  
mesmo que dizer, na  
prática, que se professa  
a mesma fé que esse  
alguém professa.

Consequentemente, é impossível que o Sr. Higor Paiva pense assim e não esteja sob a influência hipnótica da profissão de fé contrária à revelação, em questão. Em um sentido subconsciente, ele considera até mesmo a negação dessa falsa profissão de fé uma heresia.

Isso dá ocasião a observar o fato de que o Sr. Higor interpretou o meu texto no sentido de sugerir o caráter de uma “influência admitida conscientemente”; a algo a que eu atribui o caráter de uma “influência admitida subconscientemente”; como se eu estivesse julgando sobretudo as suas intenções conscientes; e não a

influência sobre ele de uma atmosfera entorpecedora. Essa interpretação dele é um prolongamento da hipnose em questão, porque não é possível estar imerso em uma atmosfera tirânica sem ter o senso da distinção entre “consciente” e “subconsciente” deprimido em alguma medida.



Toda atmosfera pós-conciliar, por sinal, se resume a esse entorpecimento instalado sobre uma massa de resíduos cultural-religiosos com uma origem legítima; o que é precisamente um dos sentidos da imagem apocalíptica da Meretriz Babilônia sentada sobre a Besta.

Um outro ponto a ser notado é que, embora na superfície a posição sedevacantista (que supõe não se tem papas atualmente por causa da falsa profissão de fé da hierarquia eclesiástica nominal) possa parecer de todo desprovida de prestígio social; mesmo essa superfície é de algum modo enganosa ou desencaminhadora. Por exemplo, o coral de

certa liturgia em latim  
belo-horizontina (a qual  
congrega nos domingos  
alguns indivíduos que  
alegam ser  
tradicionalistas e  
reconhecem de modo  
mais ou menos ambíguo  
a autoridade do  
Vaticano Pós-Concílio)  
leva ou levava (em anos  
recentes) o nome de um  
bispo paulista já  
falecido, Dom Antônio  
de Castro Mayer, que

não apenas era um  
sedevacantista, mas  
orientou cordialmente  
certos clérigos  
sedevacantistas  
americanos a respeito de  
alguns assuntos.

Também, Dom Castro  
Mayer foi um dos bispos  
que consagrou (ou  
tornou) bispos quatro  
padres da Fraternidade  
Sacerdotal São Pio X,  
sob o pretexto público e  
explícito, entre outros,

da possível invalidade do efeito sobrenatural, sacramental ou ritual dos novos ritos (para ordenar padres ou consagrar bispos) introduzidos nos sessenta na esteira do Concílio Vaticano II. As dúvidas (ao menos alegadamente aparentes) sobre a validade de alguns dos novos sacramentos, como a Nova Missa ou o Novo

Rito de Ordenação de padres, foram tornadas prestigiosas por um autor da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, o escritor britânico Michael Davies, e este escritor é usado como fonte de consulta por pessoas dos mais variados espectros na cultura pós-conciliar. Como a validade desses ritos está conectada à validade das autoridades

que os promovem, é  
mais do que adequado  
notar como paradoxal a  
falta de prestígio  
aparente da posição  
sedevacantista;  
especialmente se  
grandes figuras  
midiáticas que apoiam a  
legitimidade da Igreja  
Pós-conciliar, como o  
jornalista Allan dos  
Santos, se mostraram no  
passado grandes  
entusiastas da

Fraternidade Sacerdotal  
São Pio X. Ademais, os  
sacerdotes da  
fraternidade, sobretudo  
aqueles  
hierarquicamente  
menores, não raro  
sugerem que se fiar na  
noção de uma distinta  
legitimidade do  
Vaticano pós-conciliar,  
e dos novos  
sacramentos, não é uma  
posição verossímil ou  
factível. Ademais, um



autor ligado à  
Fraternidade, John  
Salza,  
significativamente  
prescreveu em escrito  
público a discrição, não  
desligamento, a padres  
sedevacantistas, uma  
política que parece  
espelhar o tratamento  
paternal que se alega o  
fundador da  
Fraternidade, Bispo  
Marcel Lefebvre, dava a  
seminaristas

sedevacantistas; e  
parece ter o caráter de  
uma dispensa.

## Capítulo II - Alguns detalhes sobre a forma mentis pós-conciliar no contexto da profissão dogmática

Eu compartilhei em  
certo grupo de  
WhatsApp administrad  
o pelo Sr. Higor Paiva o  
trecho de um livro meu,  
"O guia do católico pós-  
cataclísmico" (2020),  
página 91:

'No filme O Pianista, desde o bem-conhecido contexto dos constrangimentos nazistas sobre os judeus poloneses, a família de Władysław Szpilman é obrigada a esconder o seu dinheiro. Um decreto proibira a judeus manter na própria residência mais de dois mil "zlotys".

"Sabe o que devemos fazer? Usemos psicologia", propõe Henryk, o irmão de Szpilman. "Nós deixamos o dinheiro e o relógio sobre a mesa. E os cobrimos com o jornal. Os alemães vão procurar em toda parte, e eu asseguro que jamais hão de achar."

'Isso é o que os americanos chamam

"hiding in plain sight",  
se esconder em plena  
vista, no local  
paradoxalmente mais  
próximo de ser  
descoberto, porque  
"ninguém vai suspeitar".

'Que um clérigo da  
Igreja Pós-Vaticano II,  
como Paulo Ricardo de  
Azevedo, tenha  
publicado um vídeo  
ensinando que em parte  
as pessoas se salvam

sem conhecer e admitir  
a fé trinitário-romana;  
não é em si inequívoca  
manchete.

'Mas que o tenha feito  
tomando como sugestão  
probante que "até Santo  
Tomás" especulou sobre  
as chances de salvação  
de um selvagem  
geograficamente  
apartado da Igreja; sem  
informar que o parecer  
tomista, que podemos

eufemisticamente  
chamar "prestigioso", é  
o de que o selvagem não  
se salva sem  
explicitamente conhecer  
a fé; isso guarda um  
caráter mais  
significativo, e nos  
remonta à ideia de "se  
esconder em plena  
vista". 6

'Eu não seria tão baixo  
quanto a sugerir que  
para esse personagem os



que se fiam na posição tomista são tão sinistros quanto os nacional-socialistas. Isso significaria um salto no raciocínio um pouco mais ousado do que um homem ordinário é capaz de arriscar. Aliás, se o salto fosse tão promissor, não provaria nada, porque os da "raça ariana" perderam na modalidade "Salto de Longa Distância" das

Olimpíadas de 1936,  
para um negro  
americano. O salto  
longo não prova nem  
desprova que alguém é  
nacional-socialista.

'E por uma  
correspondência  
analógica, tampouco  
prova que alguém  
pertence a uma  
comunidade ameaçada.  
Com efeito, o próprio  
Manzoni agudamente

notou que há certos  
ameaçados aparentes  
que se fazem queixosos,  
e revelam enternecedora  
preocupação; quando na  
verdade são  
precisamente os que  
estão oprimindo e  
afligindo.'

Nota de rodapé 6: Santo  
Tomás, De Veritate,  
Questão 14, Artigo 11,  
resposta a objeção: “É  
uma característica da

Providência Divina  
providenciar que todo  
homem tenha o quanto  
necessário para a  
salvação (...) desde que  
da parte dele não haja  
algum empecilho. No  
caso de um homem que  
procura o bem e evita o  
mal, por meio da razão  
natural, Deus iria revelar  
a ele por inspiração  
interna o que deve ser  
crido, ou lhe enviar  
algum pregador...”!

'Eu proponho passar adiante e mencionar que na esteira do que foi dito, desde a tendência que supõe, se torna mais compreensível por que nem um único opinador público filiado à Igreja Pós-Vaticano II se tenha notabilizado por notar que para Santo Tomás a passagem em Romanos 2:14-16 sobre o "gentio que segue a lei natural"

não está falando de um suposto não católico que segue a lei natural ignorando, ou não admitindo, o dogma; e sim está falando de um gentio recém-convertido. Santo Tomás até mesmo arriscou o salto de chamar pelagiana (herética) a interpretação hoje usual dessa passagem 7. Quando se compara isso

com o fato de esse ponto de vista tomista ser considerado uma modalidade da heresia jansenista para certo opinador da Associação Cultural Montfort; fica patente que a não admissão dessa tese tomista, como a de muitas outras teses típicas do que há bem pouco tempo na história era o próprio paradigma católico, sugere que há

noções que não têm,  
mais, sequer o direito de  
existir. Isso dá à  
expressão "hush hush"  
um convite para entrar  
no jargão eclesiástico.

'Nota de Rodapé n 7:  
Santo Tomás de Aquino,  
Super Epistulam ad  
Romanos: "Mas, sobre o  
que diz o Apóstolo,  
'Naturalmente,' pode  
surgir uma dificuldade.  
Essa palavra pareceria,



com efeito, favorecer os pelagianos, que pretendiam que o homem, por suas forças naturais, podia observar todos os preceitos da Lei. É necessário, pois, entender 'Naturalmente' como da natureza reformada pela graça; porque São Paulo fala dos gentios convertidos à lei, os quais, pelos socorros da graça de Jesus Cristo, tinham

começado a observar os preceitos morais."

[Documenta Catholica Omnia (website), do francês, pág. 73.]'

Mais adiante, isto é, não de imediato, o Sr. Higor Paiva revelou que tomou isso como um gesto vaidoso e pretensioso (esse meu alardear uma informação que eu considere importante usando essa linguagem

literária), motivado ele ao menos em parte, alegadamente, em que eu repeti a postagem para engajar em busca de feedback uma pessoa em particular do grupo. Em suma, ele tomou como seguro e muito natural que o meu entendimento do dogma da salvação é apenas uma superstição (o que torna verossímil o meu suposto usar esse

entendimento apenas como ocasião para dar vaidosa e falsa mostra de erudição), um não atinar para o preceito bíblico de que "a letra mata, o espírito vivifica" (2 Coríntios 3:6). A citação de 2 Coríntios 3:6 foi feita por ele como uma sugestão tão discreta quanto a não ser explícito que ele se referia à minha crítica ao "Padre" Paulo

Ricardo; me obrigando a notar essa obscuridade; ao que eu recebi pouco mais do que uma confirmação tácita e passiva.

Dizer que toda discussão do dogma da necessidade da fé para a salvação, no meio pós-conciliar, espelha uma tática de "pisar em ovos" e "esconder em plena vista" a questão na

sua crueza, ou passar a largo do assunto no momento mesmo de hipnoticamente insinuar apreendê-lo com suficiente adequação; é ajuizar de modo muito exato. Para citar o personagem Legolas, do Senhor dos Anéis, "Eles correm como se o açoite dos seus mestres estivesse atrás deles". Não é de espantar, portanto, que ante a

citação abaixo o Sr.  
Higor Paiva tenha  
reagido, até onde sei,  
com um não se  
endereçar ao assunto  
propriamente dito de  
todo, e bem mais  
decidido do que antes:

Papa Gregório XVI,  
Summo Iugiter Studio,  
27 de maio de 1832,  
sobre a não salvação  
fora da Igreja:  
“Finalmente, algumas

dessas pessoas  
desencaminhadas  
procuram persuadir a si  
mesmas e a outros que  
os homens não são  
salvos apenas na religião  
Católica, mas que até  
mesmo hereges podem  
alcançar a vida eterna...  
Sabeis quão  
zelosamente Nossos  
predecessores ensinaram  
este artigo de fé que  
esses ousam negar, a  
saber, a necessidade da



fé católica e da unidade  
para a salvação...

Omitindo outras  
passagens apropriadas  
as quais são quase  
infinitas nos escritos dos  
padres, Nós hemos de  
louvar São Gregório  
Magno por  
expressamente  
testemunhar que ESSE  
É DE FATO O  
ENSINAMENTO DA  
IGREJA CATÓLICA.  
Ele diz: ‘A santa Igreja

universal ensina que não é possível adorar a Deus verdadeiramente exceto nela, e afirma que todos os que estão fora dela não serão salvos.’ Atas oficiais da Igreja proclamam o mesmo dogma. Assim, no decreto sobre a fé publicado por Inocêncio III com o Quarto Sínodo de Latrão, está escrito: ‘Há uma Igreja universal de todos os fiéis fora da

qual ninguém é salvo’.  
Finalmente, o mesmo  
dogma é expressamente  
mencionado na  
profissão de fé proposta  
pela Sé Apostólica, não  
apenas aquela usada por  
todas as Igrejas Latinas,  
mas também (...) a  
usada por outros  
católicos do Oriente.  
Não mencionamos tais  
testemunhos porque Nós  
pensamos que fôsseis  
ignorantes de tal artigo

de fé ou podíeis carecer  
da Nossa instrução.  
Longe de Nós ter tal  
absurda e insultuosa  
suspeita sobre vós. Mas  
Nós estamos tão  
preocupados com tal  
séria matéria e bem-  
conhecido dogma, que  
foi atacado com tão  
considerável  
audacidade, que Nós  
não pudemos nos deter  
de usar Nossa caneta  
para reforçar essa

verdade com muitos  
testemunhos.”

Antes de entrar em  
discussões teológicas  
propriamente ditas, cabe  
observar que o modo  
usual com que esse  
dogma da salvação é  
negado se baseia em  
argumentos cujo  
ridículo, e cuja  
inadequação, não podem  
deixar de causar  
surpresa na pessoa

advertida. Assim, por exemplo, se usa Santo Tomás (a defesa tomista da doutrina do batismo de desejo, isto é, da doutrina da possibilidade da regeneração sem a água batismal literal) como meio de sugerir ser a desnecessidade da fé uma doutrina tomista e típica dos teólogos romanos. Como pode ser inferido da citação

tomista mais acima,  
Santo Tomás não  
associava a doutrina do  
batismo de desejo à  
ideia da desnecessidade  
da fé; como é admitido  
por um número de  
apoiadores da  
desnecessidade da fé (e.  
g. o Pe. Anthony  
Cekada, um  
sedevacantista  
familiarizado com essas  
discussões há décadas, o  
qual admitiu esse ponto

a mim pessoalmente, em fórum de rede social). Outro exemplo é o da asseveração, feita por certo indivíduo, de que a posição tomista é a da desnecessidade da fé, tendo sido necessário da minha parte algum inquirir e pressionar para extrair do interlocutor a insinuação de que ele quis apenas dizer que Santo Tomás facilmente concluiria



pela desnecessidade da fé, se estivesse imerso na atmosfera consensual atual.

Padre Michael Muller, C.S.S.R., *The Catholic Dogma* [St Athanasius Press (28 julho, 2012)]: “Ignorância inculpável ou invencível nunca foi e nunca será um meio de salvação. Para ser salvo é necessário ser justificado, ou estar em

estado de graça. Para obter graça santificante, é necessário ter a disposição apropriada para a justificação; isto é, a fé divina verdadeira em ao menos as verdades necessárias para salvação, esperança confiante no divino Salvador, sincera tristeza pelo pecado, e o firme propósito de fazer tudo o que Deus comandou, etc. Agora,

esses atos sobrenaturais de fé, esperança e caridade, contrição etc., os quais preparam a alma para receber a graça santificante, nunca podem ser supridos pela ignorância invencível; e se a ignorância invencível não supre a preparação para receber graça santificante, muito menos pode conceder a própria graça santificante. ‘Ignorância

invencível’, diz Santo Tomás, ‘é uma punição pelo pecado’(De, Infid. Q. X, art. 1).””

A argumentação dos apoiadores da desnecessidade da fé é, não raro, de um tipo que lembra muito a argumentação sentimentalista de certos espíritas (ou espiritualistas) americanos do séc. XIX,

os quais raciocinaram  
que o fenômeno  
da reencarnação não  
existe porque, se  
existisse, haveria o risco  
de um caucasiano  
reencarnar como um  
negro (hipótese que lhes  
parecia desagradável).  
Não se trata  
propriamente de uma  
argumentação, no  
sentido ordinário da  
palavra, mas um  
figurativo "botar o

interlocutor para  
dormir", hipnotizar,  
domar, se dirigir  
sobretudo ao  
subconsciente.

O Sr. Paiva notou na  
minha crítica ao "Padre"  
Paulo Ricardo etc., o  
sinal do meu estar  
"pouco inclinado a viver  
o verdadeiro espírito de  
caridade cristã",  
terminando por  
perguntar "Acaso nossa

fé católica subsiste sem boas obras?". Também, ele alegou, se bem me recordo, que o meu raciocínio supõe um auto-cerrar-me e isolar-me em um mundo de abstrações, que eu devia sair, farejar o mundo, dar um alô a alguém, praticar a caridade (ou palavras assim). Ele especificamente sugeriu que o que ele julgou ser a minha falta de

"etiqueta", e de consideração para com a linguagem convencional do meio social (porque havia protestantes no grupo etc.) poderia, por exemplo, fazer um funcionário de uma firma de advocacia perder o emprego. Também, um outro indivíduo do grupo, um protestante chamado Heitor, assinalou que a solução de quaisquer



discussões teológicas  
era matéria (apenas)  
para os pastores das  
respectivas  
denominações, e que eu  
havia com falta me  
conduzido no grupo  
"como se eu estivesse na  
minha própria  
paróquia", e sem  
respeito pela "laicidade"  
ali vigente.

Ora, das considerações  
aparentes do Sr. Higor

Paiva se poderia concluir que os santos católicos lendários tinham a permissão para, em nome da profissão de fé, ser decapitados, jogados do precipício, apedrejados, mutilados e açoitados etc.; o perder o emprego sendo a única fronteira ou limite inviolável, o único mal fora da jurisdição da fé. Essa fala a sugerir a

imaturidade do professar a fé com desassombro em oposição aos sentimentos alheios, me lembrou a história de São Raimundo Nonato, um espanhol do séc. XIII, o qual pertencia a uma ordem religiosa que promovia a liberação de presos cristãos em território (muçulmano) correspondendo à atual Argélia. Ele pagou uma soma em dinheiro para a

libertação de cristãos,  
que eram maltratados,  
mas tendo em vista  
principalmente a  
possibilidade de eles  
apostatarem da fé cristã  
pressionados pelo  
cativeiro. São Raimundo  
decidiu-se por se deixar  
levar ao cativeiro em  
troca da libertação de  
mais prisioneiros (isto é,  
a título de fiança),  
forçado pela  
consideração do risco de

danação do próximo. Ele converteu infiéis muçulmanos e pregou consoladoramente a cristãos, na prisão, ao ponto de irritar as autoridades locais e ser punido com "bastinado", um açoite sobre os pés que é descrito por um número de fontes como produzindo uma dor intolerável. Algum tempo após isso, e mesmo sob a ameaça de

nova tortura, São Raimundo não pôde conter o zelo e o dever de caridade de administrar ao semelhante a verdade salvífica da fé romana, motivo pelo qual ele foi açoitado, segundo a ordem da autoridade local, em todas as esquinas da cidade; e os seus lábios foram queimados publicamente por ferro quente e

selados com um  
cadeado, para que ele  
não pudesse pregar.

Quando São Raimundo  
voltou à Europa, em vez  
de ser ostracizado pela  
sua aversão a se  
conformar com a  
convenção social e os  
sentimentos usuais, em  
vez de ser considerado  
um imaturo incorrigível,  
o Papa Gregório IX o  
tornou um cardeal, e não

tardou muito a convocá-lo a Roma para ter ao pé de si um homem tão piedoso. A viagem a Roma não foi terminada, São Raimundo morreu no caminho, verossimilmente (em boa parte) por conta das sequelas físicas da tortura que sofreu. Diz Alban Butler: "Enquanto ele [São Raimundo] visse almas em perigo de perecer eternamente,



ele achava que não tinha feito nada ainda; nem podia deixar ele escapar qualquer oportunidade de tentar prevenir a elas um infortúnio tão assustador. Ele considerou que, como diz São João Crisóstomo: 'Embora uma pessoa tenha dado um imenso tesouro em esmolas, ela não fez nada igual a ele que contribuiu para a

salvação de uma alma.  
Essa é uma esmola  
maior do que dez mil  
talentos; do que todo  
este mundo, não importa  
o quanto o mundo  
pareça grande ao olho;  
porque um homem é  
mais precioso do que  
todo o mundo."

Eu confiei ao Sr. Higor  
Paiva a consideração de  
que, seguindo 1 João  
5:8, "espírito", "água" e

"sangue" (que correspondem à tripartição dos catecismos em teologia dogmática, sacramental e moral) "são um", por isso não é adequado lançar suspeitas a respeito da caridade alheia por professar um dogma de modo consciencioso.

De outro lado, a acusação de falta de

etiqueta, que lançaram  
contra mim, é  
particularmente  
desconcertante porque  
dizer que eu era o único  
estudioso de (ou  
interessado em) etiqueta  
no grupo de WhatsApp  
em questão é mais do  
que uma aposta  
promissora. Por  
exemplo, o manual  
clássico de etiqueta de  
Dunbar propõe que um  
interlocutor deve se

endereçar a todo assunto que corre o risco de ocasionar embaraço no contato interpessoal. Assim, se alguém está usando uma camisa amassada, sem passar, por descuido ou inadvertência, um interlocutor que não o note prontamente e o mencione (seja o usuário da camisa ou não) há de tornar a situação tanto mais embaraçosa quanto

mais o silêncio a respeito se prolongue. É precisamente esse o preceito de etiqueta ("um interlocutor deve se endereçar a todo assunto que corre o risco de ocasionar embaraço no contato interpessoal") que São Raimundo Nonato observou. Ademais, um especialista em etiqueta e networking (Keith Ferrazzi) propõe a ideia

de que ser aberto a respeito dos próprios sentimentos (por exemplo, confessar que a própria má disposição se deve a uma experiência de divórcio não concluído) é uma propriedade, não acidente, em uma carreira profissional bem sucedida; e as pessoas que retêm o que pensam pelo tipo de temor aqui em discussão

terminam por afastar os outros e se isolar. De outro lado, existe a história (do séc. V) de Santa Júlia, virgem mártir, que reforça esse ponto: Santa Júlia era uma filha de nobres que se tinha tornado escrava ou serva de certo mercador pagão importante. Apesar de Santa Júlia aberta e veementemente insultar as cerimônias pagãs do



seu mestre (e se apartar delas), este, chamado Eusébio, disse o seguinte à proposta de comprá-la do governador de uma ilha do mediterrâneo (Córsega): "Não: tudo o que você tem não há de comprá-la; pois eu de bom grado perderia a coisa mais valiosa que tenho no mundo antes que estar privado dela." Assim, o sucesso como

profissional, ou no ser empregado, tem acaso essencialmente a ver com disfarçar a própria crença, ou é isso antes um acidente? Se eu creio em algo sagrado, é um sinal de caridade mantê-lo em segredo e apartado da possibilidade de gratificar os outros? E se eu mantenho em segredo, e me atenho a ventilá-lo apenas "na

minha paróquia", é possível que isso não constitua uma falsa profissão; de modo corruptor, um sugerir no que tem validade universal o ser uma superstição dependente de tempo e lugar?

É simplesmente um lugar-comum em estudiosos de sociologia aplicada e etiqueta que a capacidade de

abertamente se mostrar indiferente à desaprovação alheia na profissão de algum princípio (o que se chama magnanimidade), a capacidade de ter independência de personalidade; constitui uma vantagem em ser capaz de seduzir e se mostrar confiável. Por exemplo, na bibliografia dos artistas da sedução existe a noção comum

de que as mulheres, no meio de uma corte ou sedução, não raro fingem opor e desprezar o homem interessado nelas para melhor medir a capacidade do homem de lidar satisfatoriamente com situações de conflito e tensão, para medir a relativa indiferença tranquila do homem em relação à validação externa (indiferença essa

que é tomada como uma virtude).

Um outro ponto é que o único sentido legítimo e aceitável de uma promoção da "laicidade", seria entendendo-a como um compromisso que membros de religiões diferentes travam de procurar se familiarizar um com o ponto de vista do outro o suficiente

para conseguir se adequar discursivamente e melhor professar o próprio ponto de vista. Assim, São Raimundo de Peñafort promoveu um debate público com scholars judeus, e fez uma visita a uma sinagoga com um mínimo de cordialidade (ele não participou de uma cerimônia religiosa judaica), no contexto de melhor saber o que

esperar da comunidade  
judaica, e, por exemplo,  
dissipar ideias  
supersticiosas sobre os  
judeus cuja  
disseminação no meio  
cristão pudesse  
potencialmente dissuadir  
judeus de tomar o  
cristianismo como  
respeitável e necessário  
à salvação.

A ideia de laicidade  
também pode ser



tomada em um sentido pejorativo, que é precisamente o sentido promovido no decreto Unitatis Redintegratio (21 de novembro de 1964), do Concílio Vaticano II. Por esse decreto, a exigência de conversão (isto é, a sua promoção, chamada "proselitismo") foi proibida. Segundo alegou o decreto, o proselitismo é proibido

qual foi proibida a exigência, na Igreja Cristã Primitiva, da circuncisão aos pagãos. Esse é um motivo pelo qual o "Papa" Francisco chamou o proselitismo a "ortodoxos" do oriente etc. de "veneno". A unidade entre as denominações, na esteira disso, passa a se basear em uma impressão ou sentimento comum, em detrimento

de algum dogma ou concepção. É precisamente essa promoção da impressão em detrimento da concepção a origem da ideia da promoção da "caridade" em detrimento de um entendimento doutrinal tomado como pejorativo.

Ora, a tendência à promoção da impressão

e do sentimento em detrimento da doutrina e da caridade entendidas (estas duas últimas) como unas ou coincidentes em um sentido subjacente, significa precisamente a promoção de uma tendência infra-econômica (ou subeconômica) em detrimento de uma tendência propriamente econômica. É da

essência do fenômeno econômico simultaneamente ser oculto e público, por isso o dinheiro é simultaneamente inacessível e acessível.

No fenômeno econômico uma preparação sutil (concepção) principia e é anterior a certa expansão ou extensividade (impressão), como a

criação de um produto é anterior à sua propaganda. A impressão e o sentimento (como sombras da concepção, que se "expandiu ou projetou") são mais associáveis ao efeito do fenômeno econômico naqueles que compreendem-no "de fora". Seguindo certa fórmula que tem correspondência na

filosofia política de Ortega y Gasset, é próprio do indivíduo que não domina intelectualmente toda a cadeia de elementos que compõem o fenômeno econômico o julgar que esse fenômeno é uma "segunda natureza" (assim como a natureza, algo próprio do domínio da impressão externa), e não uma criação humana comparativamente mais

precária; assim  
concluindo que o  
fenômeno econômico é  
tão só o que parece ser;  
e que a cristalização  
econômica é tão estável  
quanto a própria  
natureza. Isso  
corresponde,  
analogicamente, ao  
confundir o que é  
acidental com o que é  
essencial. Essa confusão  
é promovida por  
Unitatis Redintegratio



quando ela exige o tratar uma condição histórico-religiosa transitória e externa, a impressão de unidade inteiramente sentimental ou accidental, como se trata um preceito de validade concepcional universal ou essencial.

Se a tendência econômica corresponde ao que se poderia chamar de "casta do

comerciante", a  
tendência infra-  
econômica é algo que  
corresponde à casta do  
"servo", cuja principal  
característica é o "hiato"  
ou falta de continuidade  
intelectual, o "salto  
lógico". O servo é  
ordenado, como oposto  
a ordenar, justamente  
porque alguém preenche  
para si certa lacuna ou  
hiato, por exemplo o  
ignorar como se portar

em tal ou qual circunstância. Quando o Sr. Higor Paiva alegou uma inadequação da profissão de fé no contexto de um ambiente corporativo, aparentemente, ele estava precisamente confundindo um preceito "servil" com um preceito "mercantil", infra-economia com economia. É verdade que professar a religião

em certas circunstâncias profanas soa insincero e não respeitável, mas não é inequívoco ou mesmo provável que o Sr. Higor se referia a esse aspecto em particular da questão. O ponto de vista dele, a confundir "servilidade" com "mercantilidade", é compreensível na medida em que esses dois domínios não são inteiramente apartados,

mas o domínio infra-econômico é uma forma atenuada do domínio econômico. Ora, o termo "hipnose" remonta etimologicamente à ideia de "dormir", o sonho sendo um destacado domínio de "saltos lógicos"; e também "hip" (fonema que compõe "hipnose") parece ter continuidade etimológica com a ideia de "saltar". A expressão

"soporífico", que também assinala a ideia de dormir, parece guardar continuidade etimológica com "sapo", o qual desde uma raiz etimológica proto-germânica ("Frosch") significa "aquele que salta". A ideia folclórica de tornar príncipe um sapo significa a ideia de tornar auto-ordenado um indivíduo servil.

No simbolismo bíblico da estátua do sonho do imperador Nabucodonosor, os quatro impérios ou partes da estátua correspondem às quatro castas (sacerdote, nobre, comerciante e servo). As pernas de ferro correspondem ao servo porque as pernas são precisamente o que possibilita um "salto". No calcanhar o ferro

está misturado a barro. Essa é uma alusão ao fato de que na descida a uma condição "infra-econômica", na qual a "ordem" se baseia em impressões e sentimentos, em detrimento da concepção, o elemento a substituir a ordenação é radicalmente descontínuo com o exercício do poder ordinário. Do mesmo



modo a profissão religiosa (ou o que passa por profissão religiosa), em uma condição histórica como a criada por Unitatis Redintegratio, é radicalmente descontínua com uma profissão religiosa em sentido ordinário. A "profissão" é feita, nessa condição histórica, por meio de certa experiência psíquica,

não uma instrução  
intelectual.

A esse respeito a  
fundadora da Sociedade  
Teosófica, Helena  
Petrovna Blavatsky,  
qual citado e explicado  
no livro "Teosofismo,  
História de uma Pseudo-  
Religião" (Guénon,  
René, 1921), ela própria  
admitiu em carta privada  
que todo o sucesso  
espetacular da sua

organização ocultista do séc. XIX (embora tenha ela enfrentado denúncias de charlatanismo, e nisso até mesmo fugido de certas localidades de tempos em tempos) se deveu à produção de "fenômenos" ou experiências psíquicas sensíveis (além do uso esnobe de noções e vocábulos tomados emprestados de religiões orientais desde um filtro

deformante e popularizador); que em boa parte eram tão-somente truques de palco sem tanta genialidade quanto a prescindir de uma boa dose de credulidade e falta de percepção. Se tratava da impressão e do sentimento em detrimento da concepção. O fascínio dos "fenômenos", não a sua doutrina ou

justificação ocultista, explicou a grande influência cultural do Teosofismo. A esse respeito, a correspondência com o fenômeno econômico é elucidativa. Um economista como Peter Schiff traça uma distinção entre, de um lado, o símbolo externo da moeda a circular ("currency"), correspondente ao papel

moeda; e, de outro,  
aquilo cujo valor de uso  
vai muito além  
da utilidade como  
moeda, que é o dinheiro  
("money"). O dólar seria  
moeda, o ouro  
"dinheiro". Em uma  
situação  
hiperinflacionária, por  
exemplo durante a  
República de Weimar  
(Alemanha dos anos  
vinte), a moeda perde  
todo valor, o dinheiro é

demandado por todos. Entretanto, no meio da bolha econômica antes de estourar, surgem tipos sociais de dúbio caráter (análogos a Madame Blavatsky), "lobos" que enriquecem formidavelmente do dia para noite por meio de práticas especulativas insustentáveis (qual é observado em um livro histórico de Jens O. Parsson, citado pelo

investidor Michael Burry). Assim, esses especuladores correspondem ao "barro", enquanto os indivíduos ludibriados e empobrecidos pela bolha correspondem ao "ferro". São dois lados da mesma condição infra-econômica de hiato ou "salto", isto é, da mesma condição de incompletude. Da mesma forma que a



estátua de  
Nabucodonosor  
desemboca em um hiato  
("barro") descontínuo  
com a matéria metálica  
da estátua (cabeça de  
ouro, braços de prata,  
coxas de bronze, pernas  
de ferro), a condição  
infra-econômica se  
afigura um caos  
"ordenado" como que  
pela ausência de ordem  
se apresentando como

algo positivamente dado ou proposto.

A esse respeito assim como no caso do testemunho evangélico ante o governante (Mateus 10:18: "E sereis tragos diante de governadores, e diante de reis por minha causa, para um testemunho a eles e aos gentios.") existe um mistério e uma relação analógica, a

saber, que o apóstolo é na verdade o governante em um sentido latente, e o governante um governado em sentido latente (porque o testemunho evangélico infunde no mundo secular uma ordem de que carece); também no caso de tipos como Helena Blavatsky. Assim como os "servos" ou súditos da tirania de Blavatsky admiravam-

na (mesmo quando  
pressentiam a sua  
mentira ou ouviam dela  
confissão da mentira,  
como no caso do  
filósofo Vladimir  
Soloviov); também ela  
se admirava da  
credulidade e estupidez  
dos seus "servos". O  
tirano é um servo ou  
"escravo" em um  
sentido latente, e o  
"servo" que o encoraja é  
um tirano em um

sentido latente. Isso é reforçado com o termo "tirano" significar, etimologicamente, a noção de alguém de uma casta inferior pretendendo ser nobre.

Quando um dogma é professado e dirigido a uma pessoa em uma condição infra-econômica, o dogma é tratado como uma superstição sem valor,

no mesmo sentido em  
que em uma situação de  
bolha econômica o  
entregar uma soma em  
dinheiro (por exemplo,  
ouro) é confundido com  
entregar uma soma em  
uma moeda  
crescentemente  
desvalorizada; e o  
entregar uma soma em  
uma moeda  
desvalorizada é  
confundido com  
entregar uma soma em

um ativo como ouro. A respeito da bolha econômica da NASDAQ nos anos noventa, Peter Schiff mencionou em uma palestra que as pessoas então não queriam bons investimentos, ou ouvir a respeito de bons investimentos. "Eu disse [a um interlocutor de então], 'o que você desejaria possuir, esta empresa que acabou de

iniciar há dois anos, ou todo este país? E você pode tomar todo dividendo.' Não. Ninguém dava a mínima; as pessoas queriam Yahoo."

A relação entre tirano e servos, no que equivale analogicamente a uma "bolha econômica", é uma relação de esvaziamento da concepção em benefício



da mera impressão externa; assim como a bolha econômica é uma situação de esvaziamento do poder aquisitivo da moeda, e dilapidação de recursos, em benefício de uma expectativa artificial e enganosa.

Essas considerações me permitem finalmente endereçar-me à citação do Sr. Higor Paiva, 2

Coríntios 3:6 (a oposição entre "letra" e "espírito"). Nessa passagem São Paulo compara com orgulho os seus interlocutores, os seus discípulos, a "epístolas escritas". Como na bíblia aquilo que não é de criação humana, como um ser vivente, corresponde à "essência" (e ao bem), e o que é de criação humana (feito por mão)

corresponde ao "acidente" (e ao mal); São Paulo quer assinalar que os seus discípulos possuem uma condição paradisíaca (relativa à árvore cujo fruto no "centro ou coração do paraíso" guarda o bem e o mal). Assim como os discípulos de Paulo são "epístolas escritas no seu coração e no de outros apóstolos e lidas por todos os homens",

as bestas da terra nomeadas por Adão no paraíso são impressas com a qualidade (ou "realidade invisível" desde um exame simbólico) do nome que ele deu a elas. Aquilo que é de autoria divina (bem e essência) é simultâneo com aquilo que é de autoria humana (mal e acidente); isto é, no paraíso a oposição em questão está

dissolvida, como a árvore do fruto do conhecimento do bem e do mal é una, em um sentido subjacente, com a árvore da vida, como o dogma e a moral são unos em um sentido subjacente.

Consequentemente, ao propor Paulo logo mais que ele e outros apóstolos são ministros adequados do Novo Testamento "não na

letra, mas no espírito.  
Porque a letra mata, mas o espírito vivifica" (2 Coríntios 3:6), ele estava propondo um paralelismo e uma analogia com o que acabara de dizer. Se a epístola (acidente) é o ser vivente (essência), de outro lado o espírito que dá vida (essência) está naquela letra mesma (singular) que ele está dirigindo aos

discípulos (acidente). O ser um ser vivente e uma "epístola" é sugerido como tão bom quanto é mal ser uma "letra que mata". O apóstolo está propondo, através dessa tensão, a ideia de uma unidade subjacente entre bem e mal, ou essência e acidente; assim como as duas testemunhas apocalípticas são descritas como oliveiras (algo não feito por mão

e essencial) e candelabros (algo feito por mão e acidental), significando a sua dualidade paradisíaca (a dualidade corresponde ao feminino e à gestação). Ele está falando a respeito de certa gestação e instabilidade na esfera secular, e na esfera da apreensão mental humana, que corresponde a uma



estabilidade no domínio  
sutil e suprassensível  
(no plano celeste). Ele  
está falando justamente  
de como indivíduos  
como São Raimundo  
Nonato infundiram  
ordem no mundo  
(essência) por meio de  
uma desordem aparente  
(acidente).  
Consequentemente, o  
promover uma  
estabilidade secular em  
detrimento da profissão

de fé, é uma dispersão ou agitação no domínio suprassensível (fogo do inferno e tirania infra-econômica). Por fim, como o texto quer propositadamente explorar os paradoxos da unidade subjacente entre bem e mal, a "letra que mata" na sua incompletude, em particular quando contrastada com a "epístola", corresponde

à impressão sem  
concepção (domínio  
infra-econômico), e  
também a impressão  
enquanto periférica em  
relação ao centro ou  
coração. De outro lado,  
a letra que mata, na sua  
simplicidade específica,  
contrasta com o espírito  
na sua simplicidade, e  
isso corresponde ao  
caráter paradisíaco da  
simultaneidade entre  
impressão (mal) e

concepção (bem) no martírio; no qual a impressão supõe uma morte ou desagregação, a concepção a plenitude do testemunho. Indicar, pois, que a "letra que mata" possui um sentido pejorativo inequívoco, na passagem, ainda mais quando a "letra que mata" é associada de algum modo aos próprios apóstolos (seres viventes e essência) sob

o aspecto de o pensamento deles não ter eles como fonte, e sim ter como fonte Deus (2 Coríntios 3:5), é perder o sentido do texto, ou perder o seu "espírito".

Diz o Credo de Santo Atanásio, confirmado no Concílio Ecumênico de Florença (ensino ex cathedra ou infalível):  
"Quem quiser salvar-se

deve antes de tudo  
professar a fé católica.  
Porque aquele que não a  
preservar, integral e  
inviolavelmente,  
perecerá sem dúvida por  
toda a eternidade." De  
acordo com a  
interpretação pós-  
conciliar aparente desse  
ensino (qual se acha em  
opinadores públicos  
como o "Padre" Paulo  
Ricardo), o que esse  
ensino quer dizer é que

dar importância à  
profissão da fé católica  
não é tão prioritário ou  
essencial para a salvação  
(por exemplo, em que  
ele opina que 1 Timóteo  
2:4, sobre Deus querer  
que todos sejam salvos,  
significa a salvação da  
maioria, que não  
professa o catolicismo);  
e que aquele que não  
tiver preservado a fé  
católica integral e  
invioladamente não

necessária ou seguramente perecerá por toda eternidade. Esse, na conta aparente do Sr. Higor, seria o "espírito" dessa doutrina, como oposto à "letra que mata". Como a "letra que mata", entretanto, guarda uma unidade subjacente com o "espírito", não é o caso de seja possível descartar um em detrimento do outro.



Desse modo, o sentido da citação de 2 Coríntios 3:6 feita pelo Sr. Higor não é propriamente que a necessidade da fé é um fato com um fundo de mistério não imediatamente acessível, e sim que esse fato é tão verdadeiro quanto a sua mais inequívoca negação ou oposição. Assim como na doutrina luterana "simul justus et

peccator" a santidade (essência) e a impiedade (acidente) são consideradas na prática como indistinguíveis (como oposto a realidades distintas que têm certo vínculo ou paralelismo, por exemplo a generosidade em relação à prodigalidade), na doutrina pós-conciliar sobre a necessidade da fé essência e acidente, a

admissão e a rejeição da  
necessidade da fé, são  
basicamente  
indistinguíveis; em uma  
espécie de paródia da  
concentração  
paradisíaca do bem e do  
mal (concentração, por  
sinal, que por definição  
nada tem a ver com um  
dos dois termos em  
detrimento do outro, ou  
um como suficiente sem  
o outro). Esse é o  
"grande mistério" pós-

conciliar, o vender uma  
exaustão como se fosse  
uma concentração.

Um outro ponto,  
conectado com isso, é  
que o Sr. Higor Paiva  
também usa o nome  
sagrado de Deus como  
interjeição, isto é, como  
um expletivo  
irreverente; o que é  
condenado como uma  
violação do Segundo  
Mandamento em fontes

como o Catecismo de Trento, Catecismo de Baltimore n3, um teólogo moral renomado (e prefaciado por um papa renascentista) como o Frei Luiz de Granada, entre outros. O Sr. Higor reagiu ao reparo contra isso chamando o preceito de um "preciosismo árido", mesmo depois das citações que vão abaixo.

Catecismo de Trento,  
sobre o Segundo  
Mandamento: “No  
entanto, por causa da  
importância da  
obrigação que impõe,  
Deus faria disso lei, que  
comanda se honrar o seu  
nome; um preceito  
distinto; e isso ele faz  
nos termos mais claros e  
simples. Essa  
observação deve ter  
muita influência em

convencer o pastor, de que nesse ponto não é suficiente falar em termos gerais; de que a importância disso é tal que requer que se detenha a respeito extensivamente, e que se **EXPLIQUE AOS FIÉIS EM TODO O SEU ESCOPO COM DISTINÇÃO, CLAREZA E PRECISÃO.**”

Catecismo de Trento,  
sobre o Segundo  
Mandamento: ‘Mas  
como as Escrituras,  
quando proíbem o  
perjúrio, adicionam:  
“Não hás de profanar o  
nome de teu Deus,”  
(Levítico 19:12), segue  
que proíbem toda  
irreverência não apenas  
para com o nome dEle,  
mas também para  
aquelas coisas às quais,  
de acordo com seu



Mandamento, se deve reverência; tais quais a Palavra de Deus, a majestade da qual foi reconhecida e reverenciada não apenas pelos piedosos, mas também algumas vezes pelos ímpios, como lemos em Juízes a respeito de Eglon, Rei dos Moabitas.’

O nome daquele cuja menção deve fazer

curvar “todo joelho no céu, na terra e no inferno” (Phil. 2:10) deve ser usado apenas com devoção e afeição. Esforçai-vos, portanto, por falar com piedade do Nome santo de Deus, e fazei o que puderdes por meio de orações, exortações e exemplo para banir o terrível mal de que estivemos falando. — Luiz de Granada. O Guia do

## Pecador. Capítulo 37, Seção 1.

Catecismo de Baltimore n3, aprovado pelo arcebispo de Baltimore, sobre o Segundo Mandamento.: “O Segundo Mandamento de Deus é: Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão. (...) Pelo Segundo Mandamento nós somos obrigados sempre a falar de Deus

com reverência, dos santos, e de coisas santas, e a ser sinceros em fazer juras e fiéis a elas e a nossos votos. (...) POR TOMAR O NOME DE DEUS EM VÃO SE QUER DIZER QUE O NOME DE DEUS OU O NOME SANTO DE JESUS CRISTO É USADO SEM REVERÊNCIA; POR EXEMPLO, PARA EXPRESSAR

## SURPRESA OU RAIVA.”

Ao meu inquirir qual a diferença específica entre a superstição que eu supostamente proponho e o comando do Frei Luiz de Granada de usar o nome de Deus "apenas com devoção e afeição", o Sr. Higor Paiva simplesmente negou toda e qualquer resposta; mesmo eu

citando e enfatizando o trecho acima com linguagem ex cathedra, do Catecismo de Trento, tornando manifesto que a todo fiel deve ser dirigido o se deter no assunto desse mandamento "extensivamente", com "distinção, clareza e precisão". Ao ignorar (como provavelmente fez) o buscar clarificações e

gratificações intelectuais a respeito; para reforçar o juízo de que a questão que eu levantei não passa de uma superstição desprezível, ou mais precisamente, um "preciosismo árido"; o Sr. Higor contradiz o magistério solene (ainda que nem todo trecho desse catecismo seja infalível). Isso por si é suficiente para concluir a sua heresia e o seu não

ser realmente um fiel católico. O centro da sua argumentação foi simplesmente o prestígio secular em torno do usar o nome de Deus como expletivo. Em outras palavras, se algo constitui uma linguagem comum, não pode ser má.

Compreensivelmente, o Sr. Higor não pôde propor nenhuma



diferença específica;  
entre a rejeição dessa  
noção da legitimidade  
"por definição" da  
linguagem comum; e a  
rejeição de certa noção  
de São José Cafasso, por  
mim citada.

São José Cafasso,  
colaborador de Dom  
Bosco em Turim e  
falecido a 1860 A.D.:  
“Ponde os olhos no  
mundo, observai a

maneira de se viver, DE SE FALAR, e vereis imediatamente se o mal do pecado é conhecido no mundo ou se alguém presta atenção a isso. Sem falar das pessoas que vivem vidas decididamente irreligiosas e perversas, quão poucas são aquelas que passam por boas e se aproximam dos sacramentos conscientes do grande mal que é o

pecado, e a grande ruína que traz. É forçoso que tal culposa ignorância da maioria dos homens leve um grande número a ser danado porque nenhum pecado é perdoado se não é detestado, e é impossível detestar o pecado de modo apropriado se ele não é conhecido como é.”

A esse respeito é significativo que o nome

sagrado e aquilo que o nome sagrado nomeia correspondem, respectivamente, a "acidente" e "essência", mal e bem, também a impressão e concepção. Consequentemente, esse preceito e a sua observação é essencial à salvação, que é o reconquistar a condição paradisiaca; sendo o Segundo Mandamento também uma expressão

destacada da "gestação salvífica" aludida em 2 Coríntios 3:6. Por causa desse caráter de gestação, muito naturalmente o Segundo Mandamento se associa à Virgem Maria, a qual dá à luz, segundo a teologia montfortiana, aos membros da Igreja. É tanto mais significativo, portanto, que a passagem apocalíptica sobre a

"mulher vestida do sol", que dá à luz o messias, fale a respeito dessa mulher receber "duas asas de uma grande águia" (Apocalipse 12:14); a águia sendo um símbolo solar para o olhar penetrante que desvela um mistério. Por sinal, mesmo os pitagóricos associavam o feminino à dualidade (porque o número "dois" do

Segundo Mandamento é relativo à dualidade).

"Teste David cum Sibylla".

O boicote ao Segundo Mandamento é manifesto tanto no uso expletivo de nomes sagrados, quanto nas irreverências sem fim promovidas pela atmosfera pós-conciliar, por exemplo pela sua liturgia. Dietrich von

Hildebrand, um teólogo elogiado pelo Papa Pio XII, famosamente afirmou a respeito da liturgia pós-conciliar começada no fim dos sessenta e prolongada até aos dias de hoje: "Em verdade, se um dos demônios das 'Cartas do Inferno' tivesse recebido a tarefa de arruinar a liturgia, ele não teria feito melhor." Há "missas" em que o



"sacerdote" se veste de palhaço; nas quais o "sacerdote" veste jaquetas de futebol americano e é acompanhado por líderes de torcida; nas quais se cria um ambiente de discoteca; nas quais o rito é pouco, se de todo, distinguível de um show de rock; nas quais um artista realiza malabarismos; nas quais o sacerdote celebra o

rito usando o salgadinho doritos, em vez da hóstia ordinária; nas quais as pessoas realizam uma dança sensual ao som de um tambor etc.

A maio de 2021 a escritora Ann Coulter, cuja linguagem é conhecida como ao menos relativamente indecorosa (e portanto é alguém não particularmente sensível

a um senso tradicional e católico de reverência), retweetou um conteúdo de um jornalista pós-conciliar com um vídeo (de data recente) a mostrar "sacerdote" e auxiliares (em localidade americana), em vestes litúrgicas e dentro da nave da igreja, no meio da mais ridícula dança coreografada ao som de uma batida pop. Dizia o jornalista:

"Imagine corrigir a sua vida e voltar à igreja e notar isso acontecendo. Eu voltaria às drogas, ou crime, ou o que quer que seja." É significativo que mesmo essa crítica não é ela própria inequivocamente protetiva de um senso de reverência.

Essas observações dão ocasião a notar um dos aspectos mais

interessantes do fenômeno pós-conciliar, que é certa ligação entre a aversão à reverência para com o sagrado e a aversão a realizar juízos teológicos. A princípio pode parecer que as duas coisas não estão claramente ligadas uma à outra, mas desde um exame atento é inescapável que elas são exatamente a mesma coisa, porque só é

possível reverenciar o que é inteligido, e na medida em que é inteligido. A analogia com a bolha econômica é particularmente útil no demonstrar esse ponto.

Ora, segundo Peter Schiff discutiu em uma conversa pública com James Rickards, os alemães são alguns dos principais "securitizadores" de

ouro no mundo. Eu quero dizer que eles têm ouro depositado, ao menos nominalmente, nos Estados Unidos da América, e os títulos de depósitos são usados ou negociados por eles para fazer negócios, levantar uma quantia em dinheiro em troca de uma taxa (e usando o ouro como fiança), dinheiro que é usado para investir em ações e derivativos

financeiros etc. Há cerca de 2015 os alemães exigiram metade do seu ouro de volta, ao que os americanos reagiram propondo uma devolução parcelada e dentro do prazo de dez anos; sendo que no primeiro ano eles devolveram apenas dez por cento da parcela combinada. O medo de devolver o ouro, no entanto, foi dissipado



pelos alemães, que aparentemente seja desistiram de reaver o ouro, seja apenas desejaram alardear a possibilidade de reavê-lo, a fim de acirrar o curso dos negócios baseados na securitização dos títulos de depósito. Existe certa teatralidade nas bolhas econômicas, que é o fato de que elas se baseiam no alardear uma fiança

que dificilmente pode ser honrada. Os EUA tinham a maior reserva de ouro do mundo quando do Acordo de Bretton Woods (1944), o qual estabeleceu que o dólar americano valeria uma quantia fixa em ouro, e portanto o Banco Central americano deveria pagar uma quantia fixa em ouro se os possuidores de dólares quisessem

converter dólares em ouro. O abandono do padrão ouro por Richard Nixon, nos setenta, significou não apenas uma aversão a pagar a fiança, mas provavelmente a impossibilidade de pagar a fiança; bem como a promoção ambígua da ilusão de que uma moeda que é impressa sem nenhum lastro (correspondendo à

"impressão" sem  
concepção de que tenho  
falado) tem um valor  
intrínseco mágico e  
independente do lastro.

Se o Prof. Rickards  
estiver correto, e a  
reserva de ouro  
americana atual for bem  
menor que o seu valor  
nominal ou alegado,  
uma pessoa que exigisse  
sinceramente o reaver o  
ouro em nome dos

alemães (ou um americano que sincera e voluntariamente promovesse a devolução do ouro depositado); seria considerado uma pessoa anormalmente burra (porque estaria comprometendo todos os negócios baseados no título de depósito que não tem fundo), ou completamente louca<sup>2</sup>. É

---

<sup>2</sup> A despeito dessa consideração, certas reportagens por mim conferidas superficialmente (uma delas da CNBC News) parecem indicar que a metade do ouro alemão

## precisamente assim que é tratada a pessoa que ajuíza qualquer coisa

---

reivindicada terminou por ser devolvida a 2017; e fora reivindicada a 2013, não tão próximo de 2015, como sugerido acima. Por alto, se vê que o ouro aparentemente foi devolvido antes da data limite de dez anos (a despeito de tecnicamente poder ter sido devolvido em poucos dias) por conta da necessidade de apaziguar ânimos e esfriar uma tensão diplomática que poderia potencialmente escalar (como alguns opinadores abertamente admitiram); escalar por conta, por exemplo, de certas barreiras a certa altura impostas contra a promoção da auditoria ou inspeção do ouro depositado; ou a digna de suspeita “recunhagem” de barras (cuja versão original, me parece, era numerada). Nada disso torna menos verdadeiro, entretanto, que o tardar da devolução fora paradoxalmente benéfico aos alemães, e a devolução mesma fruto de certas pressões político-midiáticas.

teológica em um sentido  
que vai além de um  
lugar-comum  
superficialmente  
refletido. A política pós-  
conciliar a respeito de  
identificar um herege e  
negar a ele comunhão é  
"Não o faça!" Por isso  
todos os políticos  
alegadamente católicos  
que promovem a  
legalização do aborto  
não são sequer  
ligeiramente

incomodados (com alguma ameaça de excomunhão) por alguma das autoridades nominais, a respeito. É por isso, também, que certos opinadores públicos se baseiam em disciplinas de recuo em relação à censura de excomunhão (por exemplo, segundo estudos deles, disciplinas promovidas em contexto



inquisitorial), na hora de ajuizar sobre como a Igreja deve tratar pessoas que se desviam ou parecem se desviar da profissão de fé; mas esses opinadores não se notabilizam por explicar que a censura de excomunhão é, por exemplo, inteiramente independente de um prévio perder filiação na Igreja pelo pecado de heresia; e que é possível

se desfiliar da Igreja  
pelo pecado de heresia  
pelo simples recuar ou  
duvidar íntimo de  
considerar um outro  
herege etc. A  
disposição usual a tratar  
o ajuizar teológico como  
proibido, ou como a  
seara de pessoas  
provavelmente  
temerárias e pervertidas,  
se origina não tanto da  
delicada sutileza e  
dificuldade inerente ao

assunto, quanto do fato de que mesmo algumas das pessoas que se ressentiriam de ser acusadas de tomar a teologia como uma convenção vazia pressentem que não têm condição de ajuizar com clareza e distinção nem mesmo sobre as mais elementares noções dogmáticas (por exemplo aquelas administradas a

catecúmenos da era patrística antes do batismo).

Isso pode ser claramente visto em que qualquer jovem adolescente que leia um livro clássico como as "Confissões", de Santo Agostinho, vai pressentir que o mundo secular tende a lisonjear as pessoas com a sensação de que o ponto de vista cristão é mais

acessível e familiar  
(como uma moeda  
corrente) do que ele é  
realmente. Só essa  
perniciosa lisonja  
poderia fazer a  
audiência de um filme  
como "O Exorcismo de  
Emily Rose" (2005)  
tomar como possível  
que alguém possuído  
por um demônio tem um  
tipo elevado de  
mensagem espiritual a  
transmitir, desde o ponto

de vista católico. A personagem do filme tem características mais próximas do que equivale, analogicamente, à concepção espírita de "santo", a saber, o "médium"; que é, de acordo com a doutrina espírita de Léon Denis, “um ser nervoso, sensível, impressionável”; cuja atividade, ou ao menos

condição (como todo  
espírita admite),  
ademais, é  
tremendamente perigosa  
e insalubre. Os ataques e  
inconvenientes  
demoníacos que  
acometem santos  
católicos lendários  
sempre assinalam, de  
algum modo  
e eventualmente, a  
perfeita submissão das  
forças demoníacas ao  
santo, conforme é

prefigurado em Lucas 10:17: "Senhor, os demônios também estão sujeitos a nós em teu nome!" Ademais, há um paralelismo entre essa sujeição dos demônios e a sujeição dos "ventos e do mar" (Mateus 8:27) que vem poucos versos antes do episódio do exorcismo dos porcos gadarenos, como para assinalar sutilmente que ventos e mar,



inanimados e  
inconstantes na sua  
forma, representam  
ilusões; e que a  
possessão da criatura  
demoníaca, como oposta  
à sujeição dos  
demônios, é o atribuir  
realidade a ilusões,  
como oposto a se ver  
livre delas. Os Quatro  
Discursos Contra os  
Arianos, de Santo  
Atanásio, ou as Orações  
Teológicas, de São

Gregório Nazianzeno,  
assinalam que os padres  
do primeiro milênio  
tinham um interior  
carregado de uma rica  
teia de considerações  
concepcionais, tão  
estranha e espantosa na  
sua grave e brilhante  
inteligibilidade (ou auto-  
evidência) para o  
homem contemporâneo,  
quanto a tender a  
ofuscar a sua visão;  
considerações

concepcionais cuja  
validação era tão  
perfeitamente  
independente de sinais  
externos quanto  
interpenetradas por  
esses sinais. O contexto  
do dizer de Santo  
Atanásio ("Eles [os  
hereges arianos] têm as  
edificações  
[eclesiásticas], mas vós  
tendes a Fé  
Apostólica"), não é o de  
que havia duas

convenções ou planos em disputa (no séc. IV), como costuma ser o lugar-comum das disputas políticas contemporâneas, mas sim que havia a disputa entre a concepção unida à impressão, de um lado, e, de outro, a impressão em detrimento da concepção. Isto é, havia uma disputa entre o ajuizar teológico, e o

# boicote dissimulado ao ajuizar teológico.

## Capítulo III - Alguns detalhes sobre o contexto apocalíptico do período pós-conciliar

Foi discutido o que acontece (como uma analogia) quando o dinheiro negociado não se baseia em ouro, mas apenas é artificialmente baseado na falsa promessa de que é assegurado pelo depósito de ouro. Nesse

contexto o único  
dinheiro circulante é  
"feito por mãos"  
(acidente e mal), como  
oposto a "natural" como  
o ouro (essência e bem),  
e em detrimento da  
qualidade "natural". Em  
um contexto assim  
surgem dois partidos, o  
primeiro é aquele dos  
que não desejam o  
resgate do ouro porque  
lhes interessa a  
continuação da

especulação financeira,  
do movimento  
financeiro (e apesar de  
isso empobrecer as  
pessoas, como em toda  
bolha econômica,  
inclusive, em última  
instância, os próprios  
especuladores); e  
aqueles que desejam  
resgatar o ouro, e ao  
mesmo tempo não estão  
desejosos ou preparados  
para testemunhar que  
esse resgate é; seja



impossível ou nulo; seja só possível em relação a uma fração bem mais diminuta do que o valor nominal do título de depósito. O primeiro partido se associa ao movimento e ao uso de meios de ação, o segundo partido se associa à inércia, porque a única coisa que está inclinado a fazer é impossível.

Essa dualidade é significada no filme Lara Croft: Tomb Raider (2001), pelos dois ajudantes de Lady Croft; de um lado o mordomo antiquado Hilary (associável à mansão da família Croft), que recua da ação ou tarda a ela; de outro, pelo tecnologista idiossincrático Bryce (associável ao robô e aos equipamentos

usados por Lady Croft), o qual se engaja com Lara Croft nas suas aventuras, entrando na ação. Essa dicotomia, entre velho e novo; o filme associa sutilmente à oposição entre o símbolo da estrela e o símbolo do mar. Assim como a mansão nobre, a estrela representa um foco ou concentração de certa influência (e também a nobreza se

associa à "coroa", um símbolo solar ou estelar); assim como a tecnologia moderna, na sua imprevisibilidade, carece de uma forma fixa, também o mar na sua agitação. É precisamente essa a dicotomia entre os dois robôs de Guerra nas Estrelas, C3PO e R2D2, inclusive porque o primeiro é basicamente uma espécie de

mordomo com a cor dourada semelhante a uma estrela, enquanto o segundo é um ajudante que acompanha em missões, se engajando na ação, e a sua cor é a cor branca e azul, lembrando as cores do mar.

Se o fundo degenerativo dessa dicotomia, em Lara Croft: Tomb Raider, é uma

organização maligna  
que representa  
aspirações seculares e  
externas, em detrimento  
da vida interior (vida  
interior representada por  
Lara Croft), a saber, a  
organização dos  
Illuminati (em outra  
versão da história a  
organização "Trinity");  
na história de Guerra  
nas Estrelas o fundo  
degenerativo secular é

significado pelo  
"Império Galáctico".

Ora, os dois termos  
dessa dicotomia se  
associam às duas  
influências intelectuais  
mais destacadas sobre o  
Centro Dom Bosco, a  
saber, Carlos Nougué e  
Olavo de Carvalho.  
Enquanto Olavo de  
Carvalho é um homem  
interessado (e bem-  
sucedido) em agir sobre

o mundo secular e participar do seu movimento, Carlos Nogueira se notabiliza por promover uma política (que visa ao que ele chama "Estado Católico") que não poderia ter algum efeito prático intencionado, por um número de razões. Enquanto a linguagem de Olavo de Carvalho excita o interesse de jovens e de



peças de todo tipo, e é carregada de interesse pela fala corrente, a linguagem de Carlos Nogueira é não raro comicamente carregada de uma aparência ( mais ou menos marginal) de coisa obsoleta, antiquada e inadvertida. Enquanto Olavo de Carvalho se desvia de trocar o título de depósito por ouro (na sua característica, aberta

e ambígua aversão a  
ajuizar sobre teologia)  
sob pretextos que  
aludem à importância da  
prática e do movimento  
vital, em detrimento de  
uma ordinária posse  
doutrinal; Carlos  
Nougué se notabiliza  
pelo estático e indolente  
se ater às mesmas  
fórmulas externas que  
ele supõe oficiais.

Esses dois termos em disputa são precisamente dois lados da secularização, que é uma "ausência de ouro" que se pretende mitigar por uma cortina de fumaça.

A esse respeito é significativo que Carlos Nougué tenha rejeitado como uma heresia a concepção de "exoterismo e

esoterismo", presente na escola perenialista de René Guénon, sem o mais mínimo interesse (ou aptidão) em estabelecer, por exemplo, qual a diferença específica (se há) entre essa concepção e a distinção que faz Santo Tomás entre "tudo o que ele escreveu" (o qual ele compara a "palha") e tudo quanto viu e lhe foi revelado.

Em outras palavras, porque a noção que Carlos Nougué rejeita (a despeito de não ser capaz de a examinar) não é vocabular ou convencionalmente contínua o suficiente com a noção que ele toma por ortodoxa, ele conclui que a noção que ele rejeita não é nada mais do que ela parece ser vista de fora. Ele

confunde a impressão  
com a concepção.

A dualidade entre estrela  
(Nougué e passado) e  
mar (Olavo e presente),  
também guarda  
correspondência  
com Mateus 24:26 ("Se  
portanto eles não de  
dizer a vós: vê que ele  
está no deserto, não  
vades para fora: vê que  
ele está nos aposentos,  
não creiais"); em que o

deserto supõe o se expor a uma aventura, ainda que ela se associe a uma carência ou ausência; e os aposentos supõem o se cerrar em uma cristalização psíquica (ou "entendimento", significado pelo símbolo da casa) dividida por hiatos ou saltos lógicos. Como o deserto sugere aquilo que é "natural" e não "feito por mãos", ele corresponde à essência;

enquanto os aposentos correspondem ao "artificial" e "feito por mãos", o acidente. Ora, na tradução bíblica Douay-Rheims o termo "deserto" no livro Apocalipse, precisamente associável a uma degeneração ou perigo, é às vezes trocado pelo termo "selva", que é conversível com a ideia de "floresta"; que por



sua vez assinala etimologicamente noções como “fora”, “coisa estranha”, “estrangeiro” (noções que se associam não a "essência", mas a "acidente"). De outro lado, “floresta” também é conversível com a ideia de “parque”, etimologicamente, o qual termo na antiguidade conota a ideia de recinto ou

“clausura” onde animais selvagens são mantidos de um modo dir-se-ia artificial.

Consequentemente, a selva, na qual se pode ser consumido por animais selvagens, simboliza também o ser consumido pelas próprias forças ou tendências psíquicas (aposentos).

Assim, a dualidade degenerativa entre antigo e novo, mansão e robô, Hilary e Bryce, C3PO e R2D2, aposentos e deserto; Nougé e Olavo; é uma expressão da dualidade "bem e mal", a separação ou invisibilidade (também sutileza, como a sutileza da serpente no Éden) de uma unidade subjacente que era mais acessível

na condição paradisíaca. A esse respeito, isto é, a respeito da unidade subjacente entre "estrela e mar" (ou passado e presente); é digno de nota que o filme *De Volta Para o Futuro* (1985), cuja "viagem no tempo" significa o ser iniciado nos princípios que independem de tempo e lugar; apresenta o protagonista Marty McFly com uma jaqueta

da moda  
"contemporânea"  
(presente) de 1985 que é confundida com um colete salva-vidas em 1965 (passado), um item usado no mar; e também apresenta o protagonista Marty Mcfly com um traje antirradiação (a estrela alude à noção de irradiação) cujo conceito é perfeitamente trivial a 1965 (época do medo das crises atômicas),

sendo o traje confundido a 1965 com algum fenômeno inteiramente não familiar ou alienígena.

Essa unidade subjacente entre bem e mal também se estende ao fato de que o acirrar a especulação financeira, da parte do partido que não procura resgatar o ouro, é o meio que achou esse partido para assinalar ou

reconhecer o valor do ouro (assim se comunicando à distância consigo); uma vez que a inflação ou o acirrar de uma bolha econômica é um movimento que tende a um eventual destacar o valor do ouro de que se carece.

Essa unidade subjacente entre bem e mal remete o estudioso à misteriosa passagem do Antigo

Testamento a respeito dos “gigantes” (Gênesis 6:1-4). Um scholar protestante chamado Peter Gentry (Southern Seminary) se esforçou por demonstrar que a controvérsia a respeito dessa passagem é bem intrincada. Santo Tomás sugere o parecer de Santo Agostinho, segundo o qual não se trata de que “filhos de Deus”, na passagem,



signifiquem anjos ou anjos caídos que tiveram filhos com mulheres (gerando assim gigantes); mas sim homens; porque a paternidade angélica seria teologicamente impossível. De outro lado Peter Gentry mostra que 2 Pedro 2:4-6 e Judas 1:6-7 são passagens paralelas, e que provavelmente a intenção subjacente

delas é associar os eventos do Dilúvio ao papel agente dos anjos degenerados, exatamente como sugere a passagem de Gênesis 6:1-4 no entendimento oposto à tese agostiniana. Os dois lados da oposição têm certa respeitabilidade, conseqüentemente a ambigüidade em questão foi provavelmente intencional nessa

passagem, e essa  
ambiguidade é a própria  
realidade que a  
passagem desejaria  
comunicar. O que é  
teologicamente  
impossível é, a um  
tempo, um puro nada ou  
vazio; e, de outro lado, a  
inversão que a  
“ascensão do vazio”  
supõe é uma  
monstruosidade se  
alçando de algum modo  
à condição de algo

realmente existente ou possível. A passagem quer encerrar um mistério, que ademais é marcado pela profanação, materialização ou “terrestrialização” tentativas do que é sagrado, espiritual e supraterebre. Essa profanação tem a ver com a indistinção entre sinal externo e fundo demonstrativo, entre

impressão e concepção;  
de modo a se trocar um  
pelo outro,  
desembocando na  
bifurcação do dogma.

Essa realidade  
misteriosa guarda  
paralelismo com a  
meretriz apocalíptica  
sentada sobre a besta, a  
qual tem no seu título o  
termo “mistério”.

Apocalipse 17:5: “E  
sobre a sua testa um

nome estava escrito: Um mistério; Babilônia a grande, a mãe das fornicações, e das abominações da terra.”

Ora, o paralelismo apocalíptico entre Babilônia e a “mulher vestida do sol” faz que se inclua no paralelismo a esterilidade da primeira (significada pelo seu se apartar das “dores do parto”), e a

fertilidade ou o dar à luz da segunda. Assim, a besta sob a meretriz se opõe ao “rei dos reis” ao qual a “mulher vestida do sol” dá à luz. Se Babilônia não dá à luz, como pode então a besta corresponder a uma sua cria? Está aí o mistério; o qual guarda correspondência com “as filhas dos homens” darem à luz tendo sido tomadas por esposas da

parte dos “filhos de Deus”.

Esse paradoxo devolve à questão “Como pode um ‘vazio’ parecer ser algo positivamente dado?”

Segundo o trabalho exegetico de Peter Gentry dá destacadamente ocasião a observar, e ao contrário do proposto por algumas



interpretações, não é de todo claro em Gênesis 6:1-4 que os gigantes passaram a existir quando os “filhos de Deus” tomaram as “filhas dos homens” por esposas, e tiveram filhos; ou seja, não é de todo claro que os gigantes eram esses filhos. Mais uma vez a ambiguidade em questão, da passagem, a qual está muito bem

assinalada na versão Douay-Rheims, a ambiguidade quer dizer algo. Ora, o não ser claramente derivados dessa união, ou o serem ambigualmente, da parte dos gigantes, guarda correspondência com a besta ser algo que “era e não é, e há de vir acima desde o abismo sem fundo, e ir para a destruição” (Apocalipse 17:8). Afinal, a besta era

de antes ou do presente?  
Afinal, os gigantes eram  
de antes ou do presente?  
Afinal, a estrela é a  
expressão do passado, e  
o mar do presente, ou  
não? Essa ambiguidade  
é intencional, e significa  
o ganhar uma vida  
espectral e mágica da  
imagem da besta (feita  
por mão ou acidental),  
imagem que é uma  
espécie de reflexo ou

expressão remotos do  
princípio vivificador.

A época pecaminosa dos  
gigantes (Gênesis 6:4) é  
uma época em que se  
acirrou a separação entre  
concepção e impressão,  
esta última ganhando  
uma aparência de  
independência ou "vida  
própria", de conter em si  
com suficiência  
(ademais, com a  
suficiência paradisiaca)

o conteúdo  
concepcional,  
pretendendo a impressão  
separada da concepção  
descansar no jardim do  
Éden qual a Meretriz  
Babilônia. Essa  
separação é o próprio  
pecado. Ademais, essa  
separação, na sua  
formulação discursiva, é  
não apenas todo o  
sentido do Concílio  
Vaticano II, mas é um  
fenômeno tão pervasivo

quanto a devastar ou ao menos impregnar com força todo meio social anti-concílio, e toda resistência desencontrada a esse processo. No início da experiência de testemunho desse fato consumado é previsível que a testemunha desses eventos se escandalize e se irrite atordoadamente; mas como todo escândalo é uma espécie

de recuo céptico, e todo recuo céptico tem um valor metodológico provisório, cuja legitimidade depende da obtenção vindoura de certezas; o escândalo tem de ceder a certo entendimento paciente. Ademais, o escândalo é apenas uma propriedade desse estar apartada a concepção da impressão, ou é a expressão emocional dessa

separação, e como toda  
emoção tem um efeito  
infeccioso desastroso.  
Essa observação faz  
lembrar a passagem na  
Eneida, de Virgílio,  
sobre como os esforços  
mais audaciosos e  
valentes dos troianos;  
em tentar se opor à  
pilhagem e destruição de  
Tróia, então já invadida;  
acabaram  
inesperadamente por  
tornar as coisas ainda



mais calamitosas; com os troianos (vestidos de gregos) sendo assassinados pelos próprios troianos (por inadvertência).

Se o escândalo é a expressão emocional da separação entre concepção e impressão, a dualidade do fruto proibido, e essa separação se opõe ao descanso paradisiáco;

faz sentido tanto que Adão e Eva se tenham vestido com aventais de figueira (símbolos do labor oposto ao descanso, e do acidente) para se lembrarem residualmente do figo que era o fruto da árvore da vida (essência); quanto que o inferno seja descrito como carregado de fogo, já que é uma propriedade do fogo a agitação

(oposta ao descanso),  
assim como,  
conversivelmente, é uma  
propriedade do gelo a  
inércia ou o descanso.  
Ademais, na esteira  
disso, é tanto mais  
significativo que o pai  
de Noé, chamado  
Lameque, tenha  
prenunciado que Noé  
iria confortar ele e  
outros dos seus  
trabalhos e labores  
(Gênesis 5:29); em que

a famosa Arca uniu ou concentrou o que é "natural" (essência e bem), a saber, os animais, ao que é "feito por mãos" (acidente e mal), a própria Arca. Essa concentração é uma aproximação relativa da condição paradisíaca. Ademais, a união sagrada entre concepção e impressão (em oposição ao escândalo) é significada,

logo após o dilúvio, pelo  
cobrir a nudez de Noé  
da parte dos seus filhos  
Sem e Jafé. Sem  
representa o sacerdote,  
que é a expressão social  
da concepção, enquanto  
Jafé representa o nobre,  
que é a expressão social  
da impressão ou  
externalidade ordenada  
e inspirada pela  
concepção. Por isso a  
instrução de Noé a  
respeito de Jafé dever

"habitar a tenda de Sem".

Ora, foi visto que a separação entre concepção e impressão corresponde à separação entre passado e presente. Um exemplo disso, e portanto do escândalo contemporâneo, é que um número de indivíduos não apenas tenha rejeitado como um falso ensino, alardeado

"sem provas", a ideia por mim assinalada de que dogma e moral são mutuamente conversíveis (baseado eu, entre outros, na Carta Dogmática a Flaviano, lido e aprovado no Concílio de Calcedônia a 451 A.D.), desde um elo subjacente e correlação essencial, mas se chegou até mesmo a propor que eu intencionei "proclamar

um novo dogma" com uma autoridade usurpada, e formulando algo inteiramente estranho à revelação cristã.

Me chegou há poucos dias uma mensagem anônima, citando Santo Agostinho, uma passagem que está, por exemplo no livro "Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos



Sobre a Fé - Vol. 36"  
(Paulus Editora,  
2017): "Vede, pois, que  
não lhe foi dito que  
cresse e que fosse  
batizado, que alguns  
pensam ser o único  
modo de ganhar a vida;  
mas ao homem foram  
dados os preceitos  
morais, que certamente,  
sem a fé, não podem ser  
observados nem  
guardados. Não se  
pense, porém, que,

porque o Senhor parece nada ter dito a respeito da fé, prescrevemos e nos esforçamos para que se anunciem somente os preceitos morais aos homens desejosos da vida eterna; ambos estão mutuamente ligados, como disse antes, pois nem o amor de Deus pode estar no homem que não ama seu próximo, nem o amor ao próximo pode estar no

homem que não ama a Deus. Por isso, se algumas vezes a Escritura menciona a doutrina não por inteiro, mas isso ou aquilo, mesmo assim, entenda-se que não há um sem o outro, pois quem crê em Deus deve fazer o que ele manda, e se alguém o faz porque ele mandou, o faz necessariamente porque crê."

Esse ensino, do elo essencial entre fé e moral, provavelmente tão trivial na era patrística quanto popular então a literatura agostiniana (estrela e essência), é tomado hoje como uma total novidade (mar e acidente). O que é antigo é tomado como novo, e o que é novo pelo que é antigo. É

impossível que esse desencontro não tenha como pano de fundo o fenômeno da secularização, porque a secularização tem esse desencontro como propriedade.

Essas considerações me permitem examinar o simbolismo do romance "A Máquina do Tempo", de H. G. Wells. Como em "De Volta Para o

Futuro", a máquina do tempo representa a "iniciação", o apreender um princípio que independe de tempo e lugar. Há um número de detalhes significativos que excedem o escopo das observações aqui delineadas. O narrador, um inglês da era vitoriana, conta sobre como ele viajou no tempo para um futuro remotíssimo (802.701

A. D.), no qual ele primeiro encontrou uma comunidade de pessoas com baixa estatura, elegância, e comportamento infantil, chamados "eloi". Os elois apresentam pouca curiosidade ou preocupação, vivem sem labor, de apanhar as frutas. Entretanto, eles temem a escuridão da noite, e as noites sem a luz lunar. Também, eles

não reagem a  
desaparecimentos,  
dentre os seus, ocorridos  
durante a noite;  
provavelmente porque o  
pensamento dessa  
ameaça os atemoriza e  
silencia. Os elois vivem  
em um ambiente  
parecido de algum modo  
com um jardim edênico,  
com efeito, o narrador  
conclui que a terra  
inteira se tornara um  
grande jardim, do que se



conclui um jardim de  
descanso.

Sem muito tardar,  
entretanto, o narrador  
descobre que esse  
mundo futuro é também  
habitado por certos  
trogloditas (isto é,  
homens que habitam  
cavernas e espaço  
subterrâneo)  
semelhantes a macacos;  
o nome deles sendo  
"morlocks"; e que,

vivendo eles na  
escuridão, eles aparecem  
na superfície apenas de  
noite.

O narrador mais tarde  
verifica que no  
subterrâneo os morlocks  
possuem uma indústria e  
uma estrutura de  
maquinário  
consideráveis. Assim, é  
essa indústria  
subterrânea o que  
mantém o ócio e a vida

desocupada dos eloi na superfície. O narrador primeiro especula que a raça humana evoluiu em duas espécies: as classes desocupadas se tornaram os inconsequentes eloi; e as classes trabalhadoras se tornaram os brutais morlocks, aversos à luz. Logo após o narrador descobre que na verdade os eloi, muito ao contrário de serem os

senhores dos morlocks,  
são apenas uma espécie  
de rebanho criado para  
servir de comida.

A respeito dessa  
história, a origem do  
termo "eloi" (do hebreu  
"elohim") é  
precisamente a  
expressão bíblica "filhos  
de Deus"; que  
corresponde aos anjos  
que supostamente  
tomaram mulheres por

esposas. Já a expressão "morlock" parece ser uma mistura de "Moloch" (um deus pagão da antiguidade) e "warlock" (um termo que pode significar coisas tão distintas quanto "gigante", "canibal", "enganador" e "feiticeiro"). Moloch era cultuado no meio de povos canaanitas, e se oferecia sacrifício humano a ele. Ademais,

a região de Canaã,  
habitada por esses  
povos, se origina  
etimologicamente, desde  
um exame da narrativa  
bíblica, de um neto de  
Noé chamado Canaã. Os  
filhos de Noé são Sem,  
Jafé, Cam; os quais  
correspondem,  
respectivamente, a  
sacerdote, nobre e  
comerciante; Canaã, o  
filho de Cam,  
correspondendo a

"servo"; desde a continuidade relativa já referida entre o que é econômico e infra-econômico. A história de H. G. Wells, portanto, está tentando sugerir que existe certa relação potencial entre uma condição servil (as classes baixas ou subterrâneas) e a condição tirânica. O "feiticeiro" é precisamente o

indivíduo apartado de significativa gratificação intelectual, escolhendo, no lugar dela, o se gratificar em sinais externos, em "fenômenos" (no sentido popularizado pelo espiritismo e o Teosofismo etc.).

O permanecerem inertes e sem reação, dos elois, enquanto associados a uma condição



paradisíaca ou de repouso, sugere o simbolismo da "estrela", e o "passado", também a vertente da degeneração pós-conciliar que corresponde ao Carlos Nougué. A esse respeito é significativo que o Estado seja sempre o efeito externo e superficial de certos desenvolvimentos subterrâneos. Assim, a Igreja Católica, antes da

geração do Imperador Constantino, e antes do fim de todas as perseguições a cristãos encerradas em tal geração, havia recebido do império certos consideráveis privilégios imobiliários. Isso ilustra o fato de que o Estado se dobra necessariamente, e contra as próprias convenções, à expressão subterrânea e

comparativamente mais discreta da virtude e do conhecimento. Isso é precisamente o sugerido pela tese Aristotélica de que os nobres legítimos governam por meio da virtude, e esse governo sutil e apartado das concupiscências seculares é precisamente um dos aspectos do "testemunho aos governantes" de Mateus 10:18.

Consequentemente, o alardear a necessidade de um "Estado Católico", da parte de Carlos Nougué, em uma condição civilizacional na qual ele promove precisamente uma inércia e uma superficialidade no promover a profissão dogmática e a virtude, sem nenhum cuidado do plano subterrâneo (que seria o domínio

esotérico cuja própria existência ele basicamente rejeita ou se aparta de considerar), pode ser entendido como um simples acirrar da impotência envolvida. Isso consiste em tender a considerar "a essência" e o "bem" apartado do mal.

O laborarem em uma condição subterrânea ou infernal, da parte dos

morlocks, enquanto associados a uma condição de pesado uso tecnológico-industrial; sugere a condição de "escândalo", que como visto se opõe ao descanso; e também o símbolo do "mar" ou do "presente". Como os morlocks consomem os eloi e necessitam deles, se pode inferir o paralelismo de o ponto de vista de Olavo de

Carvalho necessitar da profissão dogmática, apesar de que esse ponto de vista tem predileção pelo recuo em relação à profissão na sua expressão "diurna" (a formulação inequívoca, carregada de clareza, precisão e distinção), entendendo-a como melhor apreendida em uma condição de se "estar imerso em um mistério". Isso consiste

em tender a considerar "o acidente" e o "mal" apartado do bem.

Esse apartar-se aparente entre "bem" e "mal" se expressa, no mundo contemporâneo, por exemplo, pelas circunstâncias da "vida ordinária" nas quais se tem a expectativa muda (e mais ou menos desconhecida na origem) de que



discussões religiosas sérias não têm direito de se insinuar em conversação. Esse descanso de superfície tem contrapartida em certa perturbação subterrânea. Ademais, essa circunstância é carregada pelo pressentimento de que esse desencontro tem razão de ser que não se deve inteiramente a um simples se apartar de um

constrangimento, mas a um se apartar de reconhecer até mesmo a extensão de certa degeneração ou ameaça. O caráter enganoso dessa situação se estende ao fato de que o paralelismo entre; de um lado, a superfície em descanso e o subterrâneo industrioso; e de outro, "o bem e o mal"; porque desde a consideração bíblica são considerados

os termos dessa dualidade como possuindo uma unidade subjacente; esse paralelismo permite a analogia de que de certo modo os eloi na superfície é quem viviam no escuro, e os morlocks tinham, de certo modo, a visão clara da circunstância.

Essa unidade subjacente na dualidade, que é

pejorativa, sugere que o literal dissipar esse silêncio subterrâneo em relação a discussões religiosas tem o efeito provável de simplesmente acirrar o silêncio (em um sentido sutil). Ao passo que o silenciar literal pode, marginal e degenerativamente, comprometer o silêncio.

No simbolismo bíblico  
essa sutileza ou  
invisibilidade relativa da  
unidade entre bem e mal  
é significada pela  
"serpente". A serpente  
corresponde, no  
simbolismo tradicional,  
ao número "nove", que  
sugere a ideia de  
particularidade (porque  
denota o conjunto  
contendo cada algarismo  
em particular) e  
universalidade (porque

contém todos os algarismos); a sutileza desse número está, por exemplo, em que as pessoas não atinam de imediato que ele contém todos os algarismos. Isto é, a despeito da sua universalidade sob a superfície, o número nove não denota a ideia de completude tão bem quanto um número como "dez". A separação aparente

acirrada, entre bem e mal, da parte da serpente (significada, também, pela bifurcação da sua língua); e que marca o mundo contemporâneo; é provavelmente a origem da lenda urbana (também chamada por alguns "teoria da conspiração") popularizada por um indivíduo chamado David Icke, sobre o mundo ser controlado

por seres reptilianos e humanoides, a serpente sendo um réptil.

Se diz que a teoria dos reptilianos tem origem mais ou menos direta no Teosofismo, uma escola que se notabilizou precisamente por formular de modo pejorativo noções acidentais ou impressões (mal) sob a "inspiração" de fontes mal



compreendidas ou absorvidas, não raro fontes que de fato contém algum conteúdo concepcional (essência e bem). A própria teoria, portanto, sugere (nesse vínculo histórico com o teosofismo) o acirramento da dualidade em questão, em promovendo o obscurecimento da unidade subjacente à dualidade. A esse

respeito é útil notar que certas lendas urbanas se propagam não tanto pela força da sua verdade literal, mas por causa do pressentimento de uma verdade insinuada; a exemplo da lenda urbana de que a Grande Muralha da China é o único objeto feito pelo homem que é visível do espaço sideral (se diz que a Muralha não é realmente visível). O

que esta última lenda urbana parece insinuar, entre outros é a pergunta a respeito de se aquilo que é "feito por mão" (acidente e mal) pode competir em envergadura como o que é "natural" ou "não feito por mão" (essência e bem). A esse respeito é significativo que essa lenda urbana insinue simultaneamente um feito antigo (a Muralha),

algo cuja antiguidade  
corresponde ao símbolo  
da "estrela" (um astro  
como a terra), e um feito  
moderno (a viagem  
espacial), cuja  
modernidade  
corresponde ao símbolo  
do "mar". Ao discutir  
como feito  
extraordinário o  
"passado", separado do  
"presente" (e só ligado a  
ele de modo  
narrativamente sutil), a

lenda urbana sugere precisamente o obscurecimento da unidade subjacente na dualidade. Essa lenda urbana discute em certa medida, portanto, precisamente o mesmo problema discutido na lenda urbana sobre os reptilianos.

Uma das coisas chocantes que o Pe. Malachi Martin disse

publicamente sobre a degeneração pós-conciliar é que certos alto dignatários ou bispos pós-conciliares criam a si mesmos possuídos por demônios e não tinham nenhuma pretensão de empreender grande esforço em remediar essa situação; mas aceitaram a promessa de se rezar por eles com indiferença e seguros da

própria danação. Essa  
condição existencial  
(não havendo nenhuma  
razão particular para ser  
tomada como  
provavelmente irreal)  
guarda certa  
correspondência com a  
vida de "uma pessoa  
reptiliana"; e o silêncio  
midiático a respeito  
desse tipo de condição  
existencial guarda  
correspondência com a  
inadvertência e o

descanso dos "eloi",  
bem como guarda  
correspondência com a  
ameaça contra os "eloi"  
se imprimir apenas  
sutilmente, como é sutil  
a serpente. Ademais,  
essa condição  
existencial sugere que  
esses dois termos,  
"morlock" e "eloi", são  
apenas duas faces  
simultâneas e  
interiorizadas da alma  
"reptiliana".



É sabido, entretanto, que o número da besta apocalíptica, 666, é um número triangular. O triângulo se associa ao ciclo degenerativo da secularização, por isso os vilões do filme "Lara Croft: Tomb Raider" são membros de uma organização que quer reunir duas metades, a representar passado e presente (bem e mal), de

um "triângulo de luz". O triângulo, cuja base é extensiva contra um ângulo intensivo, significa a simultaneidade e correlação entre bem e mal opostos, e também entre solidão e conhecimento interior, de um lado, e organização e sucedâneo externo de conhecimento, de outro. Esse símbolo também

alude ao fato de que o escândalo, como aquele que acomete esses "indivíduos reptilianos", tem um "centro político" ou ponto de concentração que é repartido entre diferentes esferas e em diferentes graus, como o pico do triângulo descendo gradativamente à sua base. É inevitável que esse "centro" exista, já

que existem diversos graus de escândalo, e o escândalo seja conversível com o exercício de certa influência sobre as pessoas.

Os cristãos primitivos chamavam esse indivíduo, nesse "centro político", de "anticristo". 1 João 2:18: "(...) vós ouvistes que o anticristo vem". Aqueles

indivíduos por meio de quem o anticristo exerce a sua influência, indivíduos mais próximos da "base" da pirâmide, são os "muitos anticristos" (1 João 2:18). É natural essa disposição, à luz do simbolismo do triângulo, que opõe unidade a multiplicidade, concentração e dispersão. É

precisamente isso que São João parece indicar, em que ele conclui da multiplicidade de anticristos que então (no momento da sua escrita) "era a última hora". A multiplicidade se associa ao simbolismo do "mar" e do tempo presente; enquanto a unidade ao simbolismo da "estrela" e do passado. Se a multiplicidade

("anticristos" e presente) assinala uma unidade temporal ou uma não multiplicidade ("última hora" e passado), São João está falando de uma unidade subjacente na multiplicidade, cujo desvelamento é o desvelamento de uma qualidade paradisíaca, e cujo obscurecimento é uma propriedade do caráter "reptiliano". O que torna essa passagem

enigmática, assim, é que a "última hora" seja associável ao "passado", uma vez que "último" tem a conotação de "recente" ou "ulterior". Na verdade a etimologia do termo "último", do latim, tanto quanto (em parte) do termo de origem proto-germânica usado na versão Douay-Rheims ("last"), assinala a ideia de algo "distante", "extremo",



"prolongado" e mesmo "transcendente". O termo "último", portanto, porque também assinala algo que iniciou no passado e desde esse ponto distante se prolongou, é uma espécie de reforço à ambiguidade entre presente e passado. Quando se compara, portanto, o instar de São João a que os seus discípulos não se

distanciem do que  
ouviram "desde o  
começo" (isto é, desde o  
"passado" ou desde o  
ponto central  
supratemporal que  
condensa, como o  
paraíso, bem e mal), no  
contexto de os  
anticristos serem  
descritos como tendo  
vindo do meio deles (e,  
se infere, ouvido as  
coisas ditas "desde o  
começo"), São João quer

assinalar que existe uma unidade subjacente e paradoxal entre Cristo e o anticristo (assim como existe uma unidade subjacente entre bem e mal), desde certo ponto de vista, em que assim como os muitos anticristos são influenciados no seu escândalo pela ponta do triângulo que concentra o escândalo, também são influenciados no seu

escândalo por certa camada de sentido a que a ponta do triângulo corresponde, isto é, "as coisas que os discípulos cristãos ouviram desde o começo". Também reforça a associação desse "começo" com Cristo o verso inicial do Evangelho Segundo São João (João 1:1): "No começo era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus."

Esse mistério é sugerido, entre outros, na passagem de Lucas 18:19: "E Jesus disse a ele: por que tu chamas-me bom? Nenhum é bom senão Deus apenas." Nessa passagem é sugerido que o jovem rico testemunha Jesus desde a "impressão sem concepção", desde o acidente separado da

essência (isto é, por uma interpretação supersticiosa e de modo profano), e assim por sua própria falta se escandaliza, apesar de que a Pessoa Divina; seja tenha dado permissão, como uma "causa material", para que isso acontecesse; seja tenha consentido a isso como diante de uma inevitabilidade. Essa unidade subjacente ou

mistério que supõe uma ambiguidade entre Cristo e o anticristo decorre de que o fascínio do anticristo diz respeito a um acidente apartado da essência, e o acidente ser um dos termos (junto com a essência) que habita o paraíso e está contido no fruto da árvore da vida, o qual fruto é o próprio Deus.

Diz São Paulo Apóstolo sobre o anticristo (2 Tessalonissenses 2:8-10): "8 E então aquele iníquo há de ser revelado a quem o Senhor Jesus há de matar com o espírito da sua boca; e há de destruir com o brilho da sua vinda, ele, 9 cuja vinda é em acordo com os trabalhos de Satanás, em todo poder, e sinais, e maravilhas de mentira,



10 e em toda sedução da iniquidade àqueles que perecem; porque eles não receberam o amor da verdade, para que pudessem ser salvos."

Se trata de um paralelismo, em que há duas "vindas", a do Senhor Jesus e a do "iníquo", e o pronome "ele" é só após certo ligeiro desconcerto ou falsa expectativa, ao fim

do oitavo verso, mais claramente identificado como o anticristo, não Cristo. Essa ambiguidade é tão claramente intencional quanto a ambiguidade notada por Peter Gentry a respeito de os "gigantes antediluvianos" serem desde o começo ou tardios. Essa ambiguidade ou dualidade, como já

notado, tem como pano de fundo o fenômeno da secularização. É portanto particularmente curioso, na esteira disso, que no filme "Lara Croft: Tomb Raider" a protagonista Lady Croft, que representa um íntimo carregado de concepção (como oposto a formas externas de poder), se descreva a si mesma como a pessoa a sentar de pleno direito

no literal trono dos Illuminati (que representam o esvaziamento da "concepção", isto é, a secularização), embora ela seja, dentro da narrativa, a principal rival ou inimiga dos Illuminati e dos seus planos.

Nas suas epístolas São João condena como mentiroso aquele que

"nega que Jesus é o Cristo" (1 João 2:22), e o identifica como anticristo. Ele também afirma que o anticristo "dissolve Jesus" (1 João 4:2). A palavra "cristo" se baseia etimologicamente na ideia alguém ungido com um óleo ou gordura, e a ideia de dissolução se baseia etimologicamente na ideia de liquefazer algo,

tornar um líquido, o que usualmente é feito por meio da aplicação de água. Ora, como a besta "que era e não é" (Apocalipse 17:11), alusiva da degeneração desde um participar do "começo" em união com Cristo, equivale às "muitas águas" sobre as quais senta a Meretriz Babilônia, a Grande; a besta apocalíptica parece ser precisamente

o efeito profano, o "líquido produzido", com a "dissolução" de Jesus. Assim, como a "água" (ou as águas no plural) corresponde simbolicamente a um domínio psíquico ou mental (o próprio batismo sendo marcado com um sopro pelo sacerdote com a letra grega "psi"), o ser a causa material ou formal involuntária do desvio

anticristão, e do surgimento dos anticristos, da parte de Cristo Jesus, guarda correspondência com os "mistérios dolorosos", isto é, as passagens evangélicas a respeito de como os homens, ignorantes de quem tinham diante de si, maltrataram e ofenderam a dignidade e mesmo o Corpo Sagrado de Jesus. A esse respeito



é significativa a passagem (Mateus 17:12) em que é dito por Jesus que a João Batista tinha sido feito o que quer que os seus algozes "tinham em mente", e que Jesus haveria de sofrer similarmente. De outro lado, como a unção com óleo, propriedade do Cristo, alude ao fato de que o óleo resiste à água e não pode com ela se

comunicar; se é devolvido ao misterioso paradoxo, como o de tomar esposas da parte de anjos em Gênesis, a respeito de como algo teologicamente impossível pode acontecer. O óleo de oliva, que é usado no sacramento do "Crisma" (nome etimologicamente próximo de "Cristo"), também se opõe à ideia de dissolução, entre

outros em que é um combustível e um armazenamento de energia, como oposto ao seu consumo. Como o óleo de oliva guarda correspondência com o "queimar sagrado" (inclusive o Talmude parece propor que é o óleo de oliva o mais vivo e claro dos óleos); também, como visto, o mar ou as "muitas águas" têm uma unidade

subjacente com a  
"estrela", a qual tem  
como propriedade o  
"queimar".

A dissolução em questão  
tem a ver com o  
esvaziamento da  
"concepção"  
(correspondente à  
estrela), e o aumento da  
importância da  
"impressão"  
(correspondente ao  
mar). Esse esvaziamento

é precisamente o que significam as passagens evangélicas a respeito da figueira (correspondente ao fruto divino no centro do paraíso) que "não dá fruto", em que o fruto é a concepção, e a figueira apartada do fruto é a impressão. Nessa analogia o secar da figueira é um tipo sutil ou subjacente de dar fruto, correspondente ao martírio. Essa unidade

subjacente entre  
impressão e concepção,  
firmada pela "unção" de  
Cristo, é significada pela  
passagem evangélica  
que diz "Aquele que vê-  
me vê o Pai também".  
Consequentemente é  
natural que, ao  
identificar o anticristo,  
São João diga que o  
anticristo "nega o Pai e  
o Filho" (1 João 2:22).  
O Pai se associa  
analogicamente à

concepção, porque aquilo que é comparativamente sutil tem o caráter de algo principiado (e a concepção é mais sutil que a impressão), e o Filho se associa analogicamente à impressão, porque aquilo que é comparativamente palpável, enquanto sinal externo, tem o caráter de algo principiado. Existe

um âmbito, que é o âmbito da essência divina, em que aquilo que corresponde analogicamente a esses dois aspectos (concepção e impressão) é distinto apenas sob o aspecto da relação (como a relação de Pai e Filho), não sob o aspecto da substância (porque a substância do Pai é a substância do Filho); o que



ordinariamente se entende por "concepção" e "impressão" sendo uma espécie de sombra ou projeção dessa relação divina no âmbito terrestre. A esse respeito é significativo que a raiz etimológica, do grego, para um dos nomes da Segunda Pessoa Divina, o "Verbo", é "logos"; que significa simultaneamente o

"vocábulo" (cuja externalidade faz que corresponda ele à "impressão") e o "termo" (cuja qualidade interna ou sutil faz que corresponda à "concepção").

São João atesta que Jesus "veio por água e sangue" (1 João 5:6). A relação entre a "água" (singular) e as "muitas águas" (plural), foi

sugerida tanto pelo simbolismo da besta apocalíptica (que coincide com as "muitas águas"), quanto pela relação entre o testemunho do Verbo "no começo" (singular), e o surgimento de anticristos "na última hora" (plural). Que São João insista em que Jesus veio "não por água apenas, mas por água e sangue" (1 João 5:6),

parece contínuo com o dizer de que os anticristos "não confessam que Jesus é vindo na carne" (2 João 1:7). 1 João 5:6 introduz uma paralelismo entre as pessoas divinas, Pai, Verbo e Espírito Santo, e as testemunhas terrestres, espírito, água e sangue. Existe certa analogia entre as pessoas divinas, na ordem indicada, e os

termos "sujeito",  
"objeto" e  
"conhecimento", de  
modo que se o Filho (ou  
"Verbo") indica a  
unidade substancial de  
"concepção" e  
"impressão" (também de  
"sujeito" e "objeto"), o  
Espírito Santo indica a  
unidade substancial de  
"concepção" e  
"impressão" sob o  
aspecto do testemunho  
da concepção desde o

estar "imerso" ("sujeito" e "conhecimento").

Assim, Verbo e Espírito Santo guardam certa correspondência com "estrela" e "mar", que são, respectivamente, análogos ao sintético e ao extensivo, e são a mesma coisa desde uma união subjacente. A esse respeito é significativo que o Credo Niceno-Constantinopolitano

tenha dado ao Espírito Santo o título de "Senhor que dá vida", e a vida é um "estar imerso". O ter "vindo por sangue" (1 João 5:6), assim, é o ter assumido a vida terrestre.

Entretanto, existe uma descontinuidade simbólica entre o "sangue" e a "carne". Apocalipse 6:6 é uma

passagem que sugere a maior instabilidade do trigo em comparação com o vinho, sendo que o trigo (por exemplo, no sacramento da Eucaristia) corresponde à carne, o vinho ao sangue. Essa descontinuidade é real, o trigo de fato é mais sujeito a riscos do que o vinho (o trigo mal armazenado pode até explodir); ademais a



videira é  
extraordinariamente  
mais tolerante a diversas  
circunstâncias  
ambientais no dar fruto  
(por exemplo sendo  
tolerante a um solo  
árido). Essa  
descontinuidade é um  
motivo aparente para o  
sacerdote católico  
distribuir a hóstia aos  
fieis leigos, mas não o  
vinho; como a assinalar  
que apesar de eles terem

acesso ao efeito sacramental da comunhão com Cristo, de outro lado eles o fazem desde uma circunstância mais precária. Esse ponto também é indicado em João 2:4: "Mulher, o que é isso a mim e a ti? Minha hora não é ainda vinda." Essa passagem, durante o casamento em Caná, sugere o embaraço de dispensar

às pessoas ordinárias o vinho. Um outro ponto é que Maria é apontada como em paralelismo com Eva, por um número de doutores da Igreja, e assim como Adão disse de Eva "Essa agora (...) é carne da minha carne" (Gênesis 2:23), também Maria pode ser dita como da mesma carne de Jesus. A aversão a prover as pessoas ordinárias do

casamento com vinho  
(que representa a  
comunhão com Jesus  
desde uma condição  
menos precária) guarda  
certa correspondência  
com o embaraço de  
revelar que o "Verbo"  
(que "é desde o  
começo") desceu à  
comunhão com os  
homens na sua condição  
mais precária,  
significada pela própria  
"mulher". A esse

respeito é significativo que a mulher simbolize precisamente o mundo secular, o mundo das transformações ou precariedades. Isso torna significativo que algumas traduções bíblicas inglesas tenham traduzido a passagem com "O que eu tenho a fazer contigo?", ou "O que eu tenho contigo?" O dizer "A minha hora não é ainda vinda"

parece significar a "última hora" (1 João 2:18), ou as "muitas águas" (Apocalipse 17:15), que simbolizam a instabilidade ou as transformações do mundo secular. Assim, é tanto mais significativo que a Virgem Maria tenha respondido a esse dizer com instar os criados a que os criados da festa fizessem tudo o que Jesus dissesse,

porque o preceito ou comando corresponde à concepção, que ordena o mundo secular e lhe imprime estabilidade; tanto quanto o anticristo, sendo um "homem sem lei" (2 Tessalonissenses 2:3), se associa à impressão sem concepção, e portanto à instabilidade das "muitas águas".

Ademais, o chefe dos  
serventes, nesse evento  
evangélico do  
casamento em Caná,  
testemunhou que todo  
homem serve primeiro o  
vinho bom, e quando as  
pessoas já beberam bem  
dele, serve o vinho pior.  
Ele aparentemente se  
tinha admirado,  
inadvertido, por causa  
do vinho criado  
miraculosamente por  
Jesus depois de



avançada a festa. Ora, esse detalhe narrativo guarda correspondência com a pureza do que é ouvido "no começo", em oposição à degeneração que acomete a "última hora".

Um último ponto na discussão dessas realidades é a pergunta a respeito de se, uma vez que existe uma unidade subjacente entre

"presente" e "passado"  
(ou "última hora" e  
"começo"); que também  
corresponde a uma  
unidade subjacente entre  
essência e acidente; se  
isso não corresponde à  
possibilidade da tese da  
salvação universal  
(universalismo), isto é,  
de que não há a danação  
eterna. Santo Antonio  
Maria Claret, arcebispo,  
morto a 1870 A.D., diz:  
“Uma multidão de almas

cai nas profundezas do inferno, e é de fide que todos que morrem em pecado mortal são condenados para sempre e sempre. De acordo com as estatísticas, oitenta mil pessoas morrem todo dia. Quantas dessas morrem em pecado mortal, e quantas serão condenadas! Porque, conforme tenha sido sua vida, assim será o seu

fim.” 1 João 2:19: "Eles foram desde nós, mas eles não eram de nós." No "começo" eles não eram "de nós", e portanto na "última hora" tampouco poderiam ser eles "de nós".

2 Tessalonissenses 2:8-10: "E então aquele iníquo há de ser revelado a quem o Senhor Jesus há de

matar com o espírito da sua boca; e há de destruir com o brilho da sua vinda, ele, cuja vinda é em acordo com os trabalhos de Satanás, em todo poder, e sinais, e maravilhas de mentira, e em toda sedução da iniquidade àqueles que perecem; porque eles não receberam o amor da verdade, para que pudessem ser salvos."

O "ser morto" pelo espírito da boca de Jesus sugere o ser transformado (a "morte" corresponde etimologicamente à transformação), como oposto a permanecer intacto. Isso é comparável, conversivelmente, a como os indivíduos no interior da Arca de Noé permaneceram intactos no meio das

transformações no  
entorno, porque  
previamente tinham  
unido essência e  
acidente, em vez de se  
ater a um em detrimento  
do outro.

É verdade que aquilo se  
passando fora da arca  
durante o dilúvio  
correspondia  
simbolicamente ao que  
se passava dentro da  
arca; as águas em torno

significando o estado de indiferenciação primordial aludido no início da narrativa sobre a criação do mundo, em que o espírito de Deus "se movia sobre as águas" (Gênesis 1:1). Também, os animais na arca, sem prejuízo do seu sentido literal, correspondendo a essas possibilidades significadas pelas águas. Como o "vinho pior" da



"última hora" há de ser inesperadamente substituído (desde a sua exaustão) pelo "vinho melhor" do "começo", o "espírito da boca de Jesus" há de transformar as "muitas águas" apocalípticas nas "águas do começo". Desde o mistério da gestação que revela o eterno e imutável descanso, a aniquilação dos danados, assim, é

tornada a fortificação  
dos salvos.

Papa São Gregório  
Magno, doutor e padre  
da Igreja, falecido a 604  
A.D.: “Quanto mais  
abundam os perversos,  
mais é mister sofrermos  
consigo em paciência;  
porque no fazer da  
debulha poucos são os  
grãos a ser levados ao  
celeiro, e altas são as

**pilhas de palha  
 consumidas pelo fogo.”**

O livro "A vocação anticristã do Centro Dom Bosco", um livro de filosofia da história e metafísica a respeito do contexto Pós-Concílio Vaticano II; discute; de certos aspectos mais particulares, a temas de maior universalidade: quais as influências e quais são certos lugares-comuns da organização chamada "Centro Dom Bosco". A analogia histórica forma o retrato de uma degeneração microcômica que espelha uma maior, de grandes proporções.

